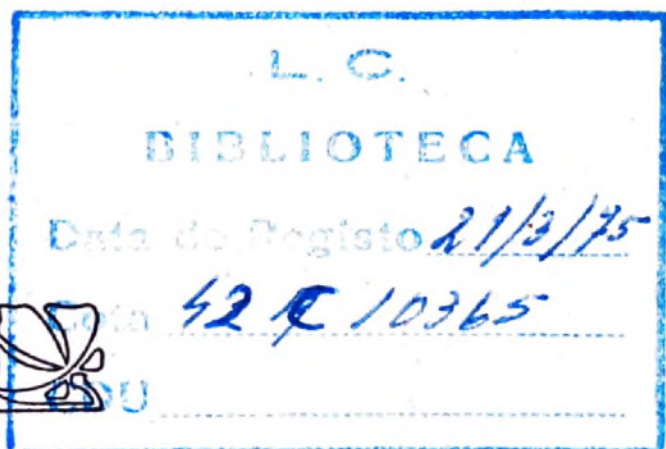


JOSÉ PONTES

MUTILADOS DA GUERRA

(CONFERENCIA INTER-ALLIADOS
PARA A SUA REEDUCAÇÃO)



1917

COMPOSTO E IMPRESSO NO
CENTRO TYPOGRAPHICO COLONIAL
LARGO DA ABEGOARIA, 27 E 28
LISBOA

DUAS PALAVRAS

O auctor teve a honra, como medico do exercito, de ser escolhido para ir a Paris assistir á conferencia inter-alliados dos mutilados da guerra. Do que viu, do que observou, do que lhe disseram e lhe pareceu digno de menção, tentou dar conta, em artigos successivos, que foram publicados n'A Capital. São esses artigos que hoje apparecem reunidos em volume, transplantados do jornal para o livro por o auctor estar convencido de que alguma coisa ha u'elles digno de ter vida mais longa do que a que podia emprestar-lhes a publicidade d'um diario, por grande que ella fôsse. Oxalá que o publico do livro julgue que o auctor pensa bem pensando assim, e que dê a este trabalho um acolhimento carinhoso. E' a isso, de resto, que aspira todo aquelle que escreve, desejoso de que o leiam.

Preparando a Conferencia Inter-Alliados

PARIS, 7. — Chegámos á gare do Quai d'Orsay, depois d'uma viagem longa, infinitamente longa, de dois dias e duas noites passadas na relativa commodidade d'uma cama de comboio, com irregularidades de restaurantes nas gares intermediarias. Mas chegámos e isso é o que importa... O traje civil, (*cortado pela censura*) impoz-nos formalidades de reconhecimento e de apresentação de passaportes, facilitadas pela experiencia dos nossos amigos dr. Azevedo Gomes e dr. Jorge Cid, que n'uma captivante gentileza nos aguardavam e indicaram o que tínhamos a fazer.

E, desde esses instantes, começámos a colher pormenores. Soubemos, que os nossos officiaes chegavam todas as manhãs em grupos e marchavam, quasi invariavelmente, dois dias depois para o norte da França. Predominavam n'esses grupos os officiaes de artilharia, a quem por aqui se fazem as melhores referencias. Mais soubemos que os nossos bravos soldados já haviam conhecido de perto as duras privações da guerra.

Ouvindo uns, ouvindo outros, que chegavam do norte ou que estiveram por lá, os pormenores multiplicavam-se, contentando a nossa investigação de jornalistas, as-

sim informada com segurança, sem os riscos d'uma viagem ou deslocação propositada.

Do nosso André Brun, disseram-nos o seguinte, que traça o seu perfil humorístico e a alma d'um soldado. Apenas chegou á frente, apresentou-se no quartel general e recebeu uma guia para a Escola dos gases asphyxiantes. No dia seguinte partiu para as trincheiras, animando a sua gente, de quem, em horas, conseguiu captivar o respeito e a amizade. Hoje, o capitão Brun vae com os seus soldados, em actos de bravura, contribuir para a gloria da nossa terra, envolvida n'uma guerra gigantesca, em que o direito de viver humanamente está em lucta com a pressão dominadora do imperialismo germanico. A' volta da trincheira, André Brun escreveu a um amigo, immediatamente, para lhe satisfazer a curiosidade da pergunta:

— Onde fazes serviço?

— Agora?... na «Companhia do Gaz»...

Não perde o seu bom humor o nosso excellente camarada. E tambem não perde a vontade de se afirmar um bom combatente.

D'envolta com outras informações, colhemos mais estas que devem ferir a attenção dos nossos dirigentes e do nosso ministro da guerra, que — no impulso, patriótico e nobre, de fazer do nosso exercito um grande exercito, provendo-o com todo o municamento e com toda a organização moderna — por vezes não encontramos seus collaboradores quem lhe execute as intenções de maneira a não soffrer criticas. Sim... ha coisas que o nosso ministro deve conhecer. Só elle, com a sua vontade de ferro e muitos desejos de acertar, lhes póde dar remedio. E como os que com elle mais directamente convivem não lhe apontam males, insufficiencias, deficiencias e desleixos, aproveitamos nós a oportunidade de lh'os dizer. Fazemol-o em nosso nome e em nome de amigos, de verdadeiros portuguezes, que mais do

coração sentem o amor pela patria com a distancia kilometrica que d'ella nos separa.

— Diz-lhe, n'*A Capital*, estas coisas que são verdades... Diz-lh'as, com o teu feitio, com a tua maneira de escancarar tudo, ás claras, como as coisas são...

Vamos dizer-lh'o, tanto mais que...

Do ministro da guerra conhecemos os propositos patrioticos de fazer tudo quanto se puder fazer de melhor. Foi elle que se fixou na ideia de, n'um futuro que se pode avisinhar precipitadamente, se organizar a assistencia cirurgica dos nossos mutilados de guerra. E' elle que alimenta a propaganda da Cruzada das Mulheres Portuguezas. E' elle que deseja aproveitar o maior numero de edificios para hospitaes. E' elle que quer soldados bem alimentados, envolvidos n'uma hygiene impeccavel, cuidadosamente tratados com carinho e com affectuosa camaradagem. E, porque assim pensa e manda fazer, não lhe deve agradar a noticia de que algumas revisões e inspecções medicas, ahi do continente, apuraram soldados em condições de inferioridade physica para os climas de França e trabalhos de guerra.

Parece que houve uma região para o centro do nosso paiz onde a selecção para a vida militar apurou d'esses contaminados d'amor, tuberculosos, cardiacos, até um aleijado!

E' preciso evitar estas faltas, quasi criminosas. Um soldado para a guerra não é positivamente um homem para fazer «plantões» nos regimentos. Depois, n'estas coisas, é vêr como os francezes e inglezes procedem.

São estas pequenas coisas que se podem remediar. Evidentemente que o ministro da guerra não é responsavel, como por ahi se póde dizer. E' nossa a falta, de todos nós, porque tudo fazemos sem ponderação e sem methodo.

Já que falamos de medicina e medicos, devo informar que tenho encontrado muitos. O dr. Reynaldo

dos Santos chega amanhã, para nos representar n'um congresso de cirurgia. O dr. Eduardo Pimenta passou em Paris, vindo da frente, em commissão de serviço. Este é um optimista. Excellente collega, medico illustre, foi dos que nos deu contentamento ao ouvil-o. Energico, com o facies d'um homem voluntarioso, mas onde se vincam os traços de muita bondade, apontou-nos, de facto, ligeiros defeitos, mas a todos dava uma desculpa razoavel. Sobretudo manifestou uma esperança de que tudo ia melhorar.

— . . . Meu amigo, ainda ha deficiencias n'estas coisas do nosso serviço medico, mas teem sido remediadas. As contrariedades teem-se vencido e todas as difficuldades passaram.

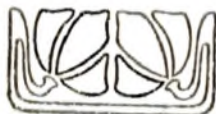
E, n'um gesto imperioso, exteriorizado pelo poder d'uma decisão de homem prompto para tudo, continuou:

— Olhe, commigo, as coisas hão de seguir a sua marcha. Pela minha parte não quebro, não desisto, não me intimidado. Hei de fazer triumphar o meu paiz, aqui, entre os alliados, valorizando o merecimento da nossa gente e affirmando a nobreza do nosso gesto em participar da guerra.

As palavras eram sacudidas e atiradas á nossa cara com uma firmeza irrespondivel. E terminou:

— Diga lá á nossa gente em Lisboa que os medicos portuguezes teem feito uma linda figura. Os cirurgiões dirigem e fazem serviço em hospitaes, onde os inglezes se maravilham diante da sua habilidade profissional.

Foi esta uma boa esperança para mim, para o Tovar, Costa Ferreira e o Luzes, que á tarde iamos começar o nosso trabalho do Congresso Inter-Alliados. Palavras consoladoras. . . Iriamos tambem fazer boa figura?



Pernas e braços artificiaes

PARIS, 8. — Abandonei o Grand Palais porque não conseguia vêr, á vontade e como eu desejava, a Exposição dos apparelhos de prothese e dos trabalhos realizados nas Escolas de Reeducação Profissiona dos mutilados da guerra. A multidão de congressistas que seguia o presidente Poincaré era enorme. Examinavam á pressa e a sua inspecção era superficial. De resto, não havia prejuizo pelo facto. Eu tinha de voltar á tarde e nos dias seguintes. Tudo se resumia, portanto, a vir umas horas antes de começarem as sessões do Congresso. Resolvi fazer o meu exame depois do almoço. O Costa Ferreira, o Luzes, o Tovar de Lemos fizeram o mesmo. Sahimos. Passos andados encontrámos o nosso artista Augusto Pina, retido em França nos trabalhos de propaganda. Andava n'uma actividade febril. Soubemos que era a proximidade da sahida da revista que lhe causava a maior preocupação.

— Sabes, sahe no dia 28...

— E mandas exemplares para Portugal?

— Certamente, certamente...

Expoz-nos o programma do primeiro numero, que nos mostrou e vimos tres dias depois n'um dos gabi-

netes da legação. Está impresso em bom papel e tem gravuras d'um dos melhores, se não o melhor artista de Paris. Na primeira pagina o retrato do nosso presidente da Republica. N'outras paginas os retratos do nosso ministro João Chagas, do nosso ministro da guerra e varios aspectos do *front* com tropas portuguezas. Um d'esses aspectos reproduz o regresso d'uma companhia, vinda das trincheiras, com André Brun á frente, montado n'um cavallo e com capacete d'aço. O texto acompanha as gravuras, formando um conjuncto artistico d'essa publicação do *Portugal na Guerra*, cujo reclamo, desinteressado e não pedido, ahí fica para testemunhar áquelles que tanto discutiram a publicação que, pelo menos, ella é coisa que se vê com agrado.

Nos *boulevards*, perto do hotel, tive novo encontro. Este foi o do aviador portuguez 1.º tenente Cabral Sacadura, envolvido no conseguimento d'uma larga iniciativa, que favorece a nossa fiscalisação maritima e de que lhes falarei. O bravo piloto está convencido de obter o que deseja. Ainda bem. E' um elemento de progresso e um recurso de guerra valioso, necessario e util, a aproveitar contra o pirata da Allemanha, deshumano e brutal. Agrada aqui, ao longe, saber que portuguezes cuidam da defeza da nossa Patria. Verificamos que nem só o ministro da guerra anda empenhado em nos valorisar militarmente. A sua acção, energica e patriótica, tem collaboradores.

Depois d'almoço, voltámos ao Grand Palais. Temos diante de nós, até ao inicio dos trabalhos da sessão, tempo bastante para vêr os objectos e trabalhos expostos.

* * *

Ha de tudo: graphics e photographias demonstrando curas realisadas em pouco tempo, brochuras explicativas

de casos clinicos, relatorios e conclusões de trabalhos feitos em escolas de reeducação, livros, folhetos, e tambem o authentico reclamo scientifico!... Para completar o quadro, até uma livraria completa está disposta no topo das escadas que dão para as salas das conferencias, onde uma livreira, n'uma graciosa amabilidade toda elegante e muito franceza, orgulhosa da sua cara bonita e cabellos loiros, apresenta aos congressistas todos os livros que os podem interessar.

— São as ultimas edições...

— Mas não posso carregar com todos... São muitos.

— Mandam-se ao hotel... V. Ex.^a não tem que se incommodar...

E foi por este processo que gastámos bastantes francos, engrossando a nossa bibliotheca de especialistas. O Tovar leva para Lisboa mais uns dezoito kilos de litteratura e o Luzes não leva muito menos!

Pelas paredes estão dispostos varios aparelhos de prothese e pelas mezas que orlam a galeria e as escadarias estão collocados varios instrumentos de mecha-notherapia, bastante bizarros de engenho e muitos de discutivel utilidade.

Alguns são instrumentos de prothese anatomica para os amputados; outros são de prothese funcional para os estropiados, portadores de lesões varias interessando os ossos, os musculos, as articulações, os nervos. Vejo para paralyrias do radical uns cinco modelos. Teem inventiva e teem tido applicação. Um, porém, maravilha-me porque só a força d'um hercules como o Silveira ou o Padinha será capaz de o mover! Que tal está o inventor? . . E diz-se engenheiro-diplomado com pratica de construcção em aparelhos orthopedicos!...

Os modelos de moldagem dos membros amputados são ás centenas. Dos moldes, uns são em gesso, outros em cartão e tela. Aparecem muitos exemplares de «pilões provisoriòs» e muitas bengalas de apoio manual

e anti-brachial. Também examinei um pilão de cartolina. Disseram-me que era invento d'um medico dinamarquez e de fabrico d'um hospital auxiliar de Paris e que o dr. Bazy, em Saint Mandé, utilisava outro identico.

Pelo mostruario verifica-se que os francezes trabalhavam muito e improvisavam bastante n'estes assumptos de prothese. Não cahiu em terreno esteril a rasgada e humanitaria iniciativa do sr. Justin Godart, o intelligente sub-secretario de estado do serviço de saude militar, que tomou como imperioso dever e como preocupação primordial o impulsionar a fabricação para a aparelhagem dos amputados.

E' que elle queria e quer que os mutilados da guerra regressem o mais rapidamente possivel á sua actividade profissional. E' o mesmo desejo do sr. Norton de Mattos, exteriorisado na acção protectora aos humanitarios propositos da Cruzada das Mulheres Portuguezas, que em Arroyos vae crear o primeiro Instituto Nacional para a reeducação dos mutilados da guerra.

Mas nem só os francezes expõem. Os belgas estão bellamente representados, tanto em documentação de trabalhos já realizados com exito, como em aparelhagem de prothese, especialmente as dos drs. Hendricks e Martin. Os italianos affirmam egualmente progressos e trabalhos notaveis, com bellos aparelhos de prothese.

E' com todo este instrumental que os alliados conseguem as maravilhas de fazer andar coxos das duas pernas e trabalhar amputados dos braços e das mãos, como lhes hei de contar, nas cartas seguintes, acompanhando as discussões e exemplificações do Congresso.



Cincoenta e tres mil mutilados

PÀRIS, 9. — Em todas as conversas surprehendo informações interessantes. Em poucos minutos de relativo repouso depois da leitura do relatorio do dr. Marneffe, soube coisas que nunca lera em livros e que me deram a nota viva do que era a obra social e eminentemente necessaria de socorros aos mutilados da guerra. Infelizmente, devemos confessar o nosso atrazo. N'este assumpto — que é importantissimo — como de resto em muitos outros, andavamos e andamos muito afastados da Europa! Se não fôra a iniciativa da Cruzada das Mulheres Portuguezas e a protecção que á sua idéa dispensou o ministro sr. Norton de Mattos, ainda hoje não prevíamos que houvesse mutilados de guerra e que d'elles se fizesse qualquer coisa de benefico para elles e para a Nação. Pois, senhores, o caso é para ponderar. Tomemos exemplos. A França trabalha, trata e está reeducando 53 mil mutilados de guerra! Essa legião de invalidos está adquirindo meios de validez. Se tal não fizesse, n'um futuro proximo, amanhã, talvez, a heroica Nação estaria luctando contra exercitos de famintos, chorando a sua desgraça e amaldiçoando a guerra. Mas não. A França, como a Belgica, como a Inglaterra

como a Italia, dispensa ao problema as maiores atenções, com a cooperação dos seus melhores physiotherapeutas e cirurgiões ortopedistas. Fazem essa assistencia por generoso impulso de benemerencia e tambem por cautelosa prevenção social e economica.

Em França foi Herriot quem primeiro creou uma escola e foi Barrès quem chamou a atenção para o seu valor.

Esta informação devemol-a ao professor Saulnier, que estava perto de nós e ao qual devemos outros pormenores que enviarei. Soubemos mais coisas então, através da conversa em que se envolveram o professor Imbert, Tissié, Bazin, general Deutierre e outros. Não resistimos a transmittir algumas. Uma, por exemplo, desgosta-me publical-a. E' que a Allemanha tinha providentemente cuidado d'estes assumptos, affirmando mais uma vez a sua organização.

— Sim, meu amigo, pergunte ao professor Bourillon, que, melhor do que qualquer outro, lhe pode fornecer factos concretos.

— Por que circustancia está melhor informado?

— E' que viajou pelos paizes do norte europeu em 1913, commissionado pelo governo, e por lá viu as escolas de mutilados e estropiados.

Aguardámos a oportunidade de falar ao sabio francez, que viamos atravez do cortinado de velludo vermelho que separava as duas salas de trabalho do Congresso, a dirigir a 2.^a secção, com um cuidado especial de congraçar todos, de evitar attrictos, de fazer obra utl. Entretanto o professor italiano Burci indicou-nos uma brochura do professor Galeazzi, onde se indicava o facto. Procurámol-a e foi-nos, immediata e gentilmente, offerecida. Lá estava a confirmação do que ouvira. O mestre italiano folheou o livro e leu a passagem:

«... No inicio da guerra europeia existiam na Allemanha umas 54 escolas de reeducação para estro-

piados e para mutilados com 221 officiaes e com mestres especializados em 51 officios...»

Não restava duvida! Os allemães fizeram a guerra com premeditação. Até d'estes problemas trataram! Os barbaros queriam subjugar o mundo; já me não restava a menor duvida. Se assim não fosse, não se preveniam d'esta maneira.

— Veja mais isto...

«... Em principio de 1915, seis mezes depois do inicio da guerra, tinha a Allemanha, dispersos pelas varias provincias do imperio, 138 institutos especializados para a assistencia orthopedica e profissional dos soldados mutilados e estropiados...»

As nações alliadas, n'estas iniciativas e trabalhos, tiveram de fazer um esforço gigantesco para resolver o problema.

Já conseguiram muito. O que fizeram é maravilhoso. A Inglaterra tem hoje muitas escolas e institutos. A Belgica possui hospitaes modelares. A França apresenta uma organização prodigiosa e intensa de actividade e de beneficios. Tudo se fez e obteve em pouco tempo! O espirito-patriotico consorciou-se com a necessidade da execução. A marcha da guerra creou a urgencia. Hoje, os alliados fazem a assistencia aos seus militares melhor que os barbaros. Ainda bem. As brechas espantosas que a guerra talha na força viva das nações impunham um dever sagrado de não abandonar os grandes feridos, que, tratados, representam uma potencia economica. Esta é a opinião claramente exposta pelo professor Jeanbraud, que foi arrancado da Faculdade de Medicina de Montpellier para os serviços da frente.

Indago como se iniciou o movimento em França. E' ainda o dr. Jeanbraud que expõe:

— «... Em novembro de 1914, quando se agrupavam n'algumas cidades os feridos para se lhes fazer tratamento de physiotherapia e fornecer aparelhos ortho-

pedicos, o doloroso espectaculo inspirou ao sr. Eduardo Herriot, «maire» de Lyon, o ardente desejo de os trazer para a vida normal. Nasceu d'ahi a primeira escola de feridos, denominada «profissional» para não despertar, com uma designação medica, a impressão penosa que é inseparavel das palavras amputados, mutilados, invalidos. Depois Maurice Barrès empreheudeu a sua campanha em favor dos invalidos. A sua eloquencia sensibilizou a alma nacional franceza. N'um anno o *Echo de Paris* reuniu 1.700.000 francos. Em 1915, nascia a Federação nacional de assistencia aos mutilados dos exercitos de terra e mar.

Depois...»

N'esse instante, azedou-se a discussão entre francezes e belgas acerca da gymnastica. Encontro a oportunidade para intervir. Pedi ao general Melis auctorisação para falar. Vamos ver o que se consegue...



A fama dos cirurgiões portuguezes

PARIS, 10.—Vou confessar-lhes um grande contentamento. A nossa missão tem obtido prompto material de estudo. Os nossos collegas estrangeiros são d'uma extrema amabilidade, fornecendo-nos indicações, discutindo duvidas, esclarecendo ideias. Offerecem-nos livros e brochuras. Promettem ainda maior material bibliographico. Ha uma certa atmospherá de sympathia pelo nosso paiz. O professor Gourdon diz-nos:

—Guardo de Portugal uma bella recordação. Estive lá por occasião do Congresso de Medicina. Era relator d'uma das secções... Tornei-me um bom amigo do dr. Bombarda...

A gentileza para comnosco não é privativa dos francezes. Belgas, inglezes e italianos excedem-se no proposito de nos agradar. O notavel professor inglez cirurgião Berkeley Moynihan approxima-se do dr. Costa Ferreira e pergunta pelo quantitativo dos nossos medicos, já em serviço na frente de batalha.

—Tantos? .. Muito bem, muito bem...

E o Costa Ferreira, falando em inglez—porque os nossos fieis alliados mostram a maior reluctancia em falar uma lingua que não seja a sua—explica-lhe o nosso

grande esforço de mobilização e militarização improvisada.

—Muito bem, muito bem, bons aliados...

O Luzes, esse, ficou radiante. E' que em Lisboa o nosso mestre Francisco Gentil tinha-lhe proporcionado uma excellente recommendação para o professor V. Putti, de Bolonha. Ora o Congresso tambem attrahira esse grande cirurgião a Paris. Ficou satisfeito de travar conhecimento commosco e mostrou-se d'um affecto de camaradagem que nos penhorou.

—Conheço de nome alguns dos seus cirurgiões... Já li trabalhos d'alguns... Teem valor...

E' assim mesmo. Como cirurgiões, os nossos são dos melhores. A guerra veio documentar esta verdade. Os inglezes aproveitam, nos seus hospitaes da frente, prestimos de muitos cirurgiões portuguezes. Em Paris, o nosso dr. Azevedo Gomes teve a alta consideração de ser convidado por um grande mestre (dos maiores em fama mundial) a dirigir a sua clinica n'uma ausencia forçada de dez dias... Mau... Não ia dizer o que prometti guardar em segredo?

Seja como fôr, a verdade é que temos sido gentilmente recebidos e que nas discussões do Congresso teem consideração pelos nossos argumentos. Isto é que importa... Era preciso honrar a nossa terra e valorisar a nossa missão, modesta na apresentação de uniformes e titulos honorificos, ao lado das missões d'outros paizes, mas eguaes a estas pelo desejo de trabalhar e pela documentação de que os assumptos não eram, para nós, desconhecidos.

O professor italiano Burci pergunta-nos se já tinhamos qualquer coisa preparada para os nossos mutilados de guerra.

—Sim... Em Lisboa, n'um grande palacete em Arroyos, está a constituir-se um Instituto para reeducação dos mutilados.

—Por iniciativa particular?

—Da Cruzada das Mulheres Portuguezas, que é auxiliada e subsidiada pelo Estado.

Contámos-lhe então que duas comissões da Cruzada, uma de assistencia, tendo a impulsional-a a esposa do nosso ministro da guerra, cuidava especialmente do Instituto, outra, a de enfermagem, estava alentando a constituição d'um grande hospital em Campolide, onde a cirurgia teria o auxilio d'uma pequena secção physiotherapica. Dissemos-lhe que eram esses os recursos de momento. Talvez insufficientes?...

—Não sei... Tudo depende da guerra...

Veu depois a enumeração dos esforços de todos os paizes, n'esta assistencia aos mutilados, que é uma obra de justiça social. Todas as reparações são devidas a esses valentes que, pela mais nobre das causas,—que é a do Direito e Razão triumphantes—fizeram o mais meritorio e doloroso dos sacrificios. Essas reparações não devem vir apenas do Estado. Este tem de fazer por elles o mais que puder. Pertence á iniciativa particular fazer o resto. Estou certo que a alma do nosso povo despertará trazendo a sua grande parte a este remedio moral e altruista. Eu já avaliei o que vale a generosidade da nossa gente. Quando empenhei a minha actividade na obra de assistencia infantil, o povo concorreu para ella com um obolo generoso. Quando chamei a attenção, em tempos de propaganda, para a necessidade de defeza nacional, o povo deu o mais que pode, deu muito, deu aquillo que depois se empregou... não sei bem em que! Mas deixemos o assumpto e desculpem este nervosismo proprio d'aquelle que, longe da nossa terra, pensa que ella era digna de mais amor e de mais cuidados d'aquelles que a dirigem...

Sigo as informações que me dá o illustre collega italiano. Na Inglaterra, no inicio da guerra, havia alguns institutos e escolas especiaes para estropiados e mutila-

dos civis. Essa preparação, embora muito inferior á alemã...

—Certamente feita com dupla vista...

—Talvez, porque era assistencia demasiada para tempo de paz com as suas 54 escolas e 221 officinas...

Como elle estava dizendo, a preparação ingleza permittiu uma prompta assistencia aos mutilados da guerra. Hoje os nossos alliados tem muitas escolas especiaes e grandes estabelecimentos onde se encontram os trabalhos de reeducação.

A França, na paz, não tinha nem escolas nem institutos especiaes. Apenas possuia, com uma finalidade semelhante, o Instituto Marsoulan de Paris e a Officina-Asylo dos Pobres de St. Jean-de-Dieu.

A Russia tinha e tem uma larga e efficaz assistencia aos mutilados. Depois da guerra. russo-japoneza, a Sociedade Universal de Soccorros aos Soldados conseguiu constituir nove hospitaes-officinas, com escolas de reeducação.

A Belgica possui importantes institutos. Citemos, a titulo de honra, os de Charleroi e de Bruxellas e agora, em territorio francez, os de Rouen e de Port-Villez, que são modelares.

—E a Italia?

—Meu amigo, sobre a Italia falaremos depois... á sahida da sessão... Temos de dar ouvidos ao que está dizendo o professor Sigalas...

O decano da Universidade de Bordeus propunha, n'aquelle instante, que nunca mais se dissesse «Reeducação Profissional» mas sim «Reconstituição funccional».



O emprego dos mutilados

PARIS, 10. — A sessão está correndo interessantissima. Pelos meus olhos passam modelos deapparelhos com que os medicos francezes e belgas auxiliam os seus mutilados, obrigando-os a trabalho activo e a marcha perfeita sem auxilio de muleta e sem trambolhos pesados, que só hercules podiam supportar. Acabou esse processo de prothese antiquada. Pertence á tradição.

Os modelos são varios. Os auctores defendem a sua inventiva com um amontoado de argumentos.

Todos apresentam vantagens uns sobre os outros. Não me atrapalho com o caso. E' que o dr. Rieffel, o grande mestre, está encarregado de dar o parecer. Elle vae orientar-me sobre o que ha de melhor.

—... O typo que tende a impôr-se é o da perna artificial em madeira, mais leve e tão solida como o typo antigo.

— Refere-se a apparelhos de couro e aço?

— Sim... Tinham um peso minimo de 4 kilos e tão mal repartido que era na propria extremidade da columna de prothese que estava uma das partes mais pesadas, o pé. Os mutilados, n'uma quasi unanimidade, diziam-nos muito pesados.

— E agora?

— A perna artificial de madeira não pesa mais de 1.500 a 1.800 grammas.

Na discussão tive a prova do largo emprego que tinham as pernas franceza e americana.

Os francezes, para evitar que a madeira quebre e rache, inspiraram-se no que fazem os americanos que, por sua vez, aproveitaram uma velha idéa de Myrops, um orthopedista de Copenhague.

Os belgas fazem melhor. Empregam não só a madeira em bruto mas em pequenas camadas dispostas n'um molde de gesso. E' pelo menos o que faz o famoso cirurgião Depage, que teve pena de não vêr no Congresso. Está representado pelo seu amigo e collaborador Martin, que n'esta conferencia inter-alliados demonstrou muito valor technico e até... merecimento oratorio. E' a elle que pergunto:

— Porque não veio o mestre?

— Está em La Panne...

— No grande hospital da frente?

— Sim, onde a rainha Izabel affirmou a sua sublime alma de mulher e de rainha belga, organisando uma ambulancia modelar, um verdadeiro centro de larga e grande cirurgia, onde os nossos bravos encontram o melhor conforto e a melhor assistencia...

O professor Rieffel continua explicando que o apoio mais effieaz da perna artificial está na bacia. Diz que alguns orthopedistas o limitaram ao ischion, que o belga Hendricks o prolonga até ao ramo ischio-pubico e que ainda outros o elevam até á região glutea.

A opinião do sabio professor, apoiada pelo dr. Gourdon, levanta duvidas, aqui e além, entre os congressistas. Por fim, curvam-se á sua analyse, que é de critica documentada.

Aproveitando um pequeno descanso na minha secção, sigo até á 4.^a para obter um esclarecimento que a mi-

nha curiosidade incessantemente exigia. Procuro quem melhor me podia informar. Era um congressista que, precisamente, n'aquelle instante, mantinha conversa com o Tovar de Lemos. Refiro-me ao sr. F. Fagnot, chefe da repartição que, no Ministerio do Trabalho francez, trata da collocação dos mutilados da guerra.

— Como empregou os doentes na industria?

— Facilmente... Todos os industriaes, a quem o meu ministerio interrogou, declararam espontaneamente; em seu nome pessoal e nos dos syndicatos, que os mutilados, reeducados ou readaptados, se occupariam nas condições normaes e que os trabalhos seriam retribuidos conforme as tarifas correntes.

— Sob que fórma?

— Segundo o principio basilar de, a trabalho igual, salario igual.

Comprehendo mais uma vez o alto valor social da conferencia entre os alliados. Não se propunham, unicamente, tratar um desgraçado a que, depois de se bater como um bravo, a guerra impuzera a mutilação. Faziam mais os congressistas. Levavam os mutilados a ganhar tanto dinheiro como no tempo da validez. A ganhar mais, uma vez por outra... Mostraram-me mutilados que nos trabalhos de campo ganhavam antes da guerra tres francos e agora, uns feitos esculptores, outros pintores, outros serralheiros mechanicos, tinham de salario seis e oito francos! Bella reparação, santa e altruista!...

Como me viram interesse pelo assumpto, um congressista, cujo nome não fixei, mas que me disseram redactor do *Temps*, deu-me o curioso pormenor de que o Estado, para as suas obras de defeza nacional, já utilisava muitos dos mutilados. O ministro do Armamento e das Fabricações de guerra estava contentissimo com a mão d'obra dos que empregava.

— Muitos?

— Em 1 de abril d'este anno eram 9.683, que se mostravam habilissimos nos variõs officios.

— Que operarios predominam?

— Os torneiros de obuzes, os conductores de machinas, os desenhadores, os engenheiros...

— Bello trabalho, na verdade...

— Bello e util... Representam 1,6 por cento da mão d'obra empregada nas officinas de guerra.

Estava elucidado. A minha curiosidade satisfez-me. E, com a promessa de que ámanhã me forneceriam documentos elucidativos e estatisticas, voltei á sala da minha secção de trabalhos. O general Melis marcava a hora para nova reunião, recommendando que ninguem faltasse. E' que os medicos Gourdon, Martin, Hendricks, Saulnier, iam apresentar alguns dos seus doentes.

Ao retirar do Grand Palais, o professor Imbert annuncia-me que no dia 14 se reune o Congresso de Cirurgia.

— E sabes quem vem com os inglezes? — pergunta o Tovar de Lemos.

— Quem?

— O Reynaldo dos Santos.

Vou averiguar a verdade da informação que lhes communicarei.



Desapprovando o militarismo hospitalar

PARIS, 11.—Hoje tive um dia cheio: A minha curiosidade ficou repleta. São ás dezenas as boas informações que colhi. E' que tive duas horas de boa camaradagem com todos os congressistas, durante o passeio pelo Sena, n'um bello vapor que nos levava a St. Maurice, na visita obrigatoria d'esta conferencia entre aliados ao Instituto Nacional Profissional de Invalidos da Guerra.

O dia está lindo. As horas da manhã passaram-se deliciosas. E agora mesmo, meio dia já dado, junto do portão do grande hospital, ainda o sol é brilhante e vivo, quente como o nosso. Só o azul do ceu é mais esbatido de côr... Que importa, porém? Sempre é o sol, o nosso amigo de sempre, sem o qual não ha animação entre gente portugueza... Sinto apenas calor dentro da minha farda. Não resta duvida que a mescla dos nossos uniformes constitue um prejuizo durante o verão. Mais que um prejuizo, é um martyrio.

Durante a viagem falei a uns, falei a outros. Todos me respondiam quando os interrogava, na febril curiosidade de tudo saber e de tudo conhecer. Conversei com belgas, com francezes, inglezes e servios. Com o dr.

Marneffe troquei impressões ácerca da competencia do professorado de gymnastica e sobre os programmas das Universidades de Gand. Pedi que me fossem cedidos os votos do Congresso antes da publicação do relatorio. Prometteram-m'os. Ainda bem. Constitue uma antecedencia de estudo e uma antecedencia de interessante reportagem.

Junto á pôpa do barco estamos n'um grupo numeroso, com a missão ingleza completa e representantes do Canadá. Estão tambem belgas. A conversa é interessante. Dizem que na Allemanha a reeducação profissional começa já no hospital.

— Os boches teem outra novidade de methodisação.

— Qual?

— Organisaram o «Conselho Profissional», que é um agente benevolo que procura o ferido no hospital e que já no hospital lhe suggestiona a necessidade de se reeducar, indicando as vantagens da reeducação e as vantagens de a obter, norteando-o sobre o officio de escolha.

— Era uma coisa a fazer entre os alliados.

— Evidentemente. Aqui o nosso collega Bittard, redactor no Conservatorio de Artes e Officios, já advogou o caso, com a recommendação de escolher o «Conselho» entre medicos, technicos e funcionarios das administrações interessadas.

E mais coisas se disseram sobre o que os allemães faziam. Por exemplo, que marcavam preferencia pela escola technica no hospital militar debaixo da auctoridade, inteira e absoluta, da disciplina de caserna.

— Isso é que não...

— Porquê?

— Os alliados não querem militarismo onde só deve existir sentimento e abnegação. Nada de escolas de reeducação militar. Todos devemos ser pela escola profissional civil e, se pudermos, pela officina ou *atelier* nacional.

Falou-se depois sobre a propaganda directa e de instrução ao militar e ao militarizado. Era absolutamente necessario fazel-a. Perguntaram:

— No seu paiz fizeram qualquer coisa?

— Sim... Nos quartéis alguns officiaes realisaram conferencias. O nosso ministerio organisou uma repartição que dirige serviços photographicos e cinematographicos. Em Paris, Augusto Pina estava nas vesperas de publicar uma revista de propaganda. Na frente, estavam photographos militarizados. Um grande litterato projectava colher impressões emotivas para as reproduzir em livro. Talvez um grande pintor acompanhasse o nosso exercito...

As noticias que démos, talvez com grande colorido de réclame, impressionaram agradavelmente os collegas estrangeiros. Esse effeito é que eu desejava produzir. Fiquei satisfeito. Soube então que o dr. Borne, auditor do Conselho Superior de Hygiene Publica da França, propunha que se organisassem immediatamente, nos hospitaes, conferencias, palestras elementares e praticas com vistas fixas e cinematographicas, visando todas as questões relativas á protecção, á orientação e á reeducação professional, commercial, industrial e agricola do mutilado.

—Nós já experimentámos em França e com bom resultado.

—Quando?

—Em 1915. Foi uma feliz iniciativa do Serviço de Saude, inspirada e impulsionada pelo dr. Brouardel. Os soldados seguiam o cinematographo com interesse e pediam detalhes e explicações.

Ahi fica uma ideia lançada para os dirigentes da minha terra. E' coisa util e não traz dispendio. Educa e illustra o nosso soldado. E a verdade é que d'esta maneira podem vulgarisar-se muitos ensinamentos uteis. Como propaganda é das melhores.

O dr. Stassen mostrou-me o relatório do sr. Lucien March, que eu tinha mostrado empenho em conhecer. Estava publicado entre os relatórios officiaes do Congresso. Por elle vejo que a França, já em principios d'este anno, havia identificado 40 mil mutilados. Analyso numeros interessantes. A estatistica abrange, até, surdos, cegos e estropiados. Indica que, por cada mil grandes mutilados, apparecem uns 50 casos de ablação de dedos do pé ou da mão.

—Quaes são as mutilações que predominam?

—Veja...

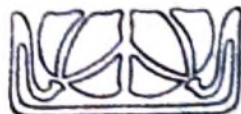
Os numeros precisavam a resposta. As amputações eram menos frequentes nos membros superiores.

—Tanto do braço direito como do esquerdo?

—Não. O braço direito apparece com maior numero. Por cada 53 amputações do braço direito ha umas 47 do braço esquerdo.

Para os membros inferiores vi que a desproporção era menor. Por cada 51 coxas direitas amputadas havia 45 coxas esquerdas.

E depois... todos nós começámos a falar sobre a visita que iamos fazer...



No hospicio de Saint Maurice

PARIS, 11 de maio.—O dr. Bourillon está recebendo os seus hospedes, que são uns quatrocentos. O edificio é enorme, conventual. Envolve-o uma cêrca magnifica, onde, aqui e além, estão abarracamentos, alguns telheiros e dependencias. Somos encaminhados para um *hall* immenso, sala de conferencias ou sala de festas onde em bancos alinhados se vão sentando, indistinctamente, os congressistas.

Junto d'uma meza, ao topo, está o dr. Bourillon, n'uma attitude visivel de quem espera que todos se aquietem para dizer qualquer coisa.

—Temos novos discursos?

—Parece que sim.

Entretanto esperamos. E' que no passeio a pé, desde o caes até Saint Maurice, nem todos andaram como nós, n'um passo de marcha, muito gymnastico, talvez muito acelerado.

A conversa generalisa-se. Os assumptos são varios. Um orthopedista belga diz-me que está avido de curiosidade de vêr como fazem ali, no hospital, para os amputados da coxa e desarticulados do joelho.

—Porque?

—E' que está averiguado que no «pilão» classico, a placa de madeira que sobe até á anca nem sempre é necessaria para os cotos compridos. Aqui, em Saint Maurice, disseram-me que a substituíram, sem inconveniente, por um cinto de couro, pouco rijo, que dá uma grande liberdade de movimentos.

—Os senhores não fazem assim?

—Não, e tambem em Paris o dr. Rieffel emprega outro dispositivo. Substitue os pilões em madeira por pilões em forquilha, completados com uma bainha de couro ou cartão-couro, que tem a vantagem de ser menos pesados.

—Mas a differença é grande?

—Diz o sabio professor, que está hoje a dirigir o centro de aparelhagem de Paris, que o antigo pilão em madeira ordinaria pesava uns 2 kilos e 200 grammas. O seu pilão em madeira e couro pesa 1 kilo, sem que perca a solidez.

Emittimos a opinião de que n'estes assumptos de orthopedia e de prothese nem só os medicos deviam intervir com a sua inventiva. Já no Congresso se havia discutido o assumpto, que terminára pela adopção d'um voto, a communicar aos governos de todos os paizes alliados, de que esses trabalhos deviam ser estudados entre nações, por um grupo em cada paiz constituido por um cirurgião, um medico orthopedista, um physiotherapeuta e um constructor.

—Mas, evidentemente...

E n'este instante, do lado, um belga, que me disseram ser o pedagogo Dronsart, transformado actualmente em director tecnico da escola de Montpellier, esclareceu :

—Assim deve ser. Em principios de 1915, o professor Fergue fez uma proposta, n'esse sentido, ao serviço de saude da 16.^a região. Queria organizar um *atelier* militar de construcção de aparelhos orthopedicos e

para isso aproveitava um especialista experimentado, de nome Bessat, que, reformado dos serviços activos, entrava para os serviços auxiliares. Forgue ensinou até, n'um relatorio para o mini-terio da guerra, como as coisas se faziam com pouca despeza e rapidamente...

—E conseguiu alguma coisa?

—Elle, não, mas o professor Estor está realisando o projecto, por instigação imperiosa do intelligente sub-secretario de Estado do serviço de saúde...

A sala já está repleta. Um representante do ministerio francez diz o que é o hospital de St. Maurice. A exposição é completada por outra muito longa, detalhada, feita pelo dr. Bourillon. Devemos dizer que, por aqui, não se mantem o respeito, por vezes exagerado e servil, que ha, ahi, nas nossas terras, pelo professor! Como a exposição fosse longa, as ultimas palavras foram ditas no meio d'um sussurro, que, ahi em Lisboa, seria tomado pela maior indelicadeza ou rebeldia. Quantas vezes me lembrei dos tempos em que a pé firme, calado, ouvia uma «lenga lenga» sobre medicina legal ou coisa parecida, durante hora e meia ou mais...

Pela minha parte devo confessar que achei interessante muito do que disse o professor Bourillon. Este é um homem sympathico, com a sua barba branca irreprehensivelmente tratada, falando com serenidade e com a pausa e correcção d'um conferente. Que tem valor, escuso eu de lhes dizer. . Todos o reconhecem por aqui, embora a maioria dos physiotherapeutas o critique pela pressa com que atira os mutilados para o trabalho dos campos ou de officinas, antes da physiotherapia os considerar aptos. Exagero de critica? Verdade de critica? Não sei.

Entretanto, o dr. Bourillon tem hospitalizado milhares e milhares de mutilados, aos quaes deu a sua reconstituição funcional. Pelo enorme edificio, atravez das suas salas e officinas, vi alfaiates trabalhando com de-

feitos de braços, com difficuldades de marcha, mutilados! . . Vi serralheiros trabalhando com braços artificiaes! Vi sapateiros com mutilações de braços e de mãos! Vi *chauffeurs* mechanicos fazendo reparações! E todos elles produziam trabalho, sem lembrarem a sua invalidez, contentes por conseguirem valorizar, ainda em beneficio da sua patria, os restos do seu corpo, os restos d'aquella virilidade e pujança physica, que, mezes antes, se affirmava, nos campos de batalha, em actos de bravura.

E na exposição do dr. Bourillon, não é interessante saber como a França iniciou, pelo auxilio do Estado, a obra social, moralisadora, humanitaria, de assistencia aos mutilados? Querem que lhes diga como foi?

Depois da propaganda patriotica de Barrès, depois do impulso generoso do sr. Herriot, de Lyon, um dia o sr. Malvy, ministro do interior da França, tomou a iniciativa de favorecer, de coordenar e de fiscalisar todas as creações destinadas á assistencia dos mutilados. Foi para o Parlamento e fez votar um credito . .

—De quanto?—perguntarão d'ahi.

—D'um milhão para subsidiar as primeiras installações. Nomeou-se uma commissão interministerial e depois a assistencia tomou maior desenvolvimento. Hoje gastam-se mais de quarenta milhões, que são os melhores empregados. . .

Ouçõ todos estes pormenores, pensando no bello esforço da Cruzada das Mulheres Portuguezas, com o seu hospital de Arroyos, e fazendo desde já a previsão de que o ministro da guerra, para executar o seu plano de assistencia aos militares, tem de fazer mais, muito mais que auxiliar o impulso generoso da Cruzada, que, sendo bello, é seguramente modesto, insufficiente. . .

Confiamos a um amigo belga, o dr. Stassen, parte das nossas apprehensões sobre o futuro que se avizinha, já com milhares de portuguezes na frente, prestes a entrar na grande lucta.

—Sim, meu amigo, precisam de trabalhar e prever tudo... O meu paiz, Belgica heroica, Belgica martyr, em tres mezes de guerra, ao começo, attingiu a proporção de 2,55 0|0 do effectivo em entradas nos hospitaes...



Escrevendo sem braços

PARIS, 12 de maio manhã. — O Congresso termina hoje com a excursão a Port-Villez. Na sessão plenária de hontem, com a aprovação dos votos, já ficámos, mais ou menos, identificados ácerca do que temos de fazer. O Tovar de Lemos leva bastante material para saber como dirigir o Instituto de Arroyos. Eu e o Luzes vimos como os aliados orientam os seus trabalhos de physiotherapia. O Costa Ferreira está habilitado a encaminhar a «reconstituição funcional» dos mutilados.

Havia apenas uns pontos a esclarecer. Eram os que se referiam á prothese. Mas a questão simplificou-se, porque hoje em Port-Villez vamos vêr como os belgas fazem e depois vamos a Rouen e a Bordeus vêr as officinas dos drs. Hendricks e Gourdon, que durante a conferencia affirmaram incontestavel auctoridade. Entretanto...

Eu já lhes posso dizer muito que lhes interesse sem os obrigar a uma digressão pelos campos, seguramente asperos e ingratos, das medicinas, com termos que vocês desconhecem.

Digo-lhes, por exemplo, o que me disse hontem o

dr. Gourdon, que, de resto, apenas repetiu as palavras do seu relatório feito com o professor Rieffel.

— Applica aos seus mutilados, immediatamente, os aparelhos de prothese?

— Não. E' absolutamente necessario o tratamento post-operatorio dos cotos. Estes precisam adquirir as qualidades que lhes permittam fornecer o maximo do rendimento util. E' este um trabalho de vigilancia e de reeducação physica...

— E' coisa já para physiotherapeutas...

— E tambem para os cirurgiões. Alguns d'estes imaginam que todo o seu papel se resume a obter uma bella reunião da ferida operatoria. Que erro! Antes de tudo, como condição principal, é preciso que o coto tenha a sua actividade funcional. Nunca se deve fazer, como muitos o permittem, que um coto de coxa esteja semanas deitado sobre almofadas e que um coto de braço esteja muito tempo junto ao corpo!...

O dr. Gourdon, n'um tom de conferente, documentado pela experiencia, indicou o que na sua opinião se devia fazer e que se resumia, desde que o estado da ferida o permitta, a dar força ao coto do mutilado. Ajuntou alguns pormenores ácerca dos cuidados da aparelhagem. Formulou palavras amargas contra a rotina dos cirurgiões que mantem, por muito tempo, os amputados do membro inferior no hospital e accrescentou:

— As muletas, em principio, devem ser prohibidas... Em vez de ajudar a cura, prejudicam-na... E' conveniente fazer a deambulação precoce.

— E para os braços?

— Ahi, não ha interesse em applicar, precocemente, qualquer aparelho. Deve fazer-se a reeducação do coto pela gymnastica methodica, scientifica, dirigida por quem sabe. Conseguem-se coisas maravilhosas. Eu, por exemplo, tenho no meu hospital, em Bordeus, uma senhora

amputada dos dois braços, que faz cestos de vime, borda, costura e até escreve com os seus cotos, sem apparelho algum!...

Mostrámos-lhe a nossa admiração pelo facto. Elle diz-nos, como resposta, que em Bordeus ha varios casos e com esplendida caligraphia; amputados de braços que eram escripturarios eram excellentes sapateiros, cesteiros e alfaiates; amputados d'um braço que cultivam os campos, sachando, podando, remexendo terras! Convidou-me para o visitar no regresso a Portugal.

— Muito obrigado, muito obrigado, e creia que não faltarei...

A conversa entre nós terminou, com um ultimo esclarecimento que lhe pedi. E' que me intrigava vêr sempre amputados de coxa, perna, pé, braço, antebraço, e vêr poucos mutilados de dedos...

— Tem razão... Tem sido certa precipitação dos cirurgiões, hoje terminada felizmente... Já fiz um relatório n'esse sentido. A cirurgia das mãos deve ser das mais conservadoras. O menor troço de dedos, a mais pequena superficie palmar, a mais limitada superficie do pollegar tem extraordinaria importancia sob o ponto de vista profissional do mutilido.

Quando deixei o dr. Gourdon, fui com os meus camaradas para o hotel. Pelo caminho discutimos acerca do muito que ouvimos e acerca do que era urgente dizer ao nosso ministro, cuja chegada, como lhes disse, está annunciada para amanhã. Ao voltar para a rua Eduardo VII, encontrámos o sr. Luiz Bettencourt, administrador do hospital da Cruz Vermelha, e que em Paris, como de resto sempre foi em Lisboa, tem sido um bom companheiro, sempre gentil, sempre obsequioso.

— Sabem, o dr. Reynaldo está em Paris... Esteve agora no hotel...

— Veiu só?

— Naturalmente... Então com quem havia de vir?... Vae representar-nos, fazendo parte da missão inglesa, no Congresso de cirurgia. E' uma honra para elle e para nós todos... Vocês ámanhã devem vel-o...

— Onde?

— No chá que o nosso ministro João Chagas offerece na legação... Eu já recebi o convite... Vocês devem tel-o no hotel...

Confirma-se a noticia que já lhes havia mandado. Em todo o caso admira-me que o Reynaldo não venha com o dr. Carlos Santos, filho, que tiuha propositos de mostrar ao Congresso os taes trabalhos que muito deviam honrar os medicos portuguezes. Porque seria? Talvez que ainda consiga saber o caso. por aqui...



Fazendo brinquedos em 10 dias de escola

ESTAÇÃO DE BONNIÈRES, 12 de maio, á tarde. — A viagem, desde Paris, pôco mais durou de uma hora e meia. E não dei pelo tempo. Vim sempre a falar e a discutir. Mais uma vez percebi que os nossos collegas estrangeiros desejavam ouvir-nos! Primeiro conversei com o dr. Badin e, com elle, rememorei parte da discussão do segundo dia do Congresso; depois falei com o professor Saulnier. Fui apresentado ao dr. Henri Bouquet, redactor medico do *Temps*. Entretive uma meia hora ouvindo o advogado N. Thomas, falando dos trabalhos de assistencia e hygiene publica nos Vosges, isto é, na propria região onde o canhão trôa, mas onde a alma franceza, heroica e altruista, trata com desvelado carinho os seus grandes feridos da guerra.

Perto de Bonnières, approximei-me dos belgas, que eram n'aquelles momentos os homens da situação. Foi com o dr. Stassen que me demorei mais e d'elle colhi uma série de noticias importantes, que ihes hei de comunicar e ainda muitos pormenores sobre o serviço de saude nos instantes, dolorosos e afflictivos, da invasão da Belgica pelos exercitos dos novos hunos. Estes pormenores talvez os communique agora n'esta carta, se o

comboio me der a disponibilidade de mais uns dez minutos para os transmittir ao papel.

O dr. Badin commentou a ida, immediata ou não, do mutilado de guerra para os trabalhos de campo, logo que o hospital de physiotherapia o considere curado ou melhorado. No seu entender, a confusão ainda é grande. Não se estabeleceram idéas fixas. Elle, como pratico e antigo estudioso, diz :

—O trabalho profissional deve ser feito desde o serviço physiotherapico. Mais tarde é que se deve passar á orientação de especializados nos serviços profissionaes.

—Mas essa é tambem a opinião do dr. Bellot.

--Sim. Elle disse-o no Congresso.

Effectivamente, lembrámos o que aquelle medico, falando como um orador de talento, disséra. O trabalho physiotherapico deve ser o primeiro a fazer-se ás impotencias musculares, seguir-se-hia o trabalho profissional, depois o treino militar. Tambem advogava a fiscalisação medica do trabalho, para as *equipas* agricolas. De resto, esta tambem foi a doutrina — que me parece que já communiquei n'uma carta anterior—dos officiaes superiores do Canadá. Estes reclamaram a fiscalisação agricola, que dá bom resultado therapeutico para o mutilado e grande interesse ao paiz.

O capitão-medico Lebrun, homem considerado entre os belgas e que nos ouvia conversar, fez a immediata observação :

—Evitem, porém, que a agricultura e a industria utilisem os feridos sem que estejam devidamente curados pela physiotherapia.

—E é preciso escolher exercicios faceis com adaptações ás aptidões—diz do lado o dr. Profichet.—Eu já eduquei mutilados n'estas condições e conseguí que elles produzissem bom trabalho agricola ao fim de 6 semanas. Cheguei a empregar mutilados no fabrico de bonecos e brinquedos de erezança apenas com 10 dias de escola e

mandei para as lavanderias e para trabalho de jardinagem alguns dos mutilados, ao fim de 18 dias... Mas, sempre aproveitando a aptidão...

O professor Saulnier disse-nos que ainda muito havia a fazer e elogiou a iniciativa do Congresso marcando nova conferencia inter-alliados para outubro. Era necessario trocar impressões e orientar trabalhos. Os mutilados já são de muitas centenas de milhares e era possivel que no fim da guerra fôssem de milhões. Assim a assistencia tinha de ser uniforme, instante e continuada e os trabalhos de physiotherapia tinham de ser executados e dirigidos por competentes.

—Em outubro, não nos mandem mestres, nem gente cuja competencia seja unicamente a da vaidade. Queremos que os paizes alliados nos mandem os technicos. Olhe, por exemplo, porque não voltam os senhores? Já sabemos quem são e o que valem...

Expliquei-lhe immediatamente que taes coisas não dependiam da nossa vontade. E, para essa occasião, já a nossa vida estava acorrentada ao trabalho clinico do Instituto de Arroyos. Mas, para o caso, pouco importava. E' que em Portugal havia muita gente em condições de cooperar n'esses trabalhos com os alliados, demonstrando competencia, technica e orientação pratica.

Devo dizer-lhes, meus amigos, que n'esta occasião fiz um reclamo exaggerado aos meus collegas da medicina portugueza. Fiz o reclamo como vocês sabem que eu os faço, com entusiasmo, com convicção e com fórmula suggestiva sobre os que me escutavam. Fui exaggerado? Talvez. Mas... eu só quero que os meus collegas portuguezes digam bem uns dos outros, ahi pelas mezas do Martinho e nos corredores do hospital, como eu disse d'elles, aqui, a milhares de kilometros de distancia...

O que não queria é que alguém desmerecesse dos recursos do meu paiz. Sempre era um portuguez que

falava ácerca de portuguezes. Disse d'elles o que e nunca disseram de si proprios, quando se envaidece com os seus merecimentos!.. D'elles, de quem não cebi um obsequio; d'elles a quem muitos obsequios nho prestado, como vocês sabem!... Mas adeante. A lealdade e a camaradagem, em mim, não são significados despreziveis...

O dr. Henri Bouquet, collega pela medicina, colle pelo jornalismo, commentou :

—Meu amigo, na sua opinião, todos são bons, no seu paiz... Felicito-o. Mas, na verdade, para serem bons medicos e homens de valor, bastava que fosse como aquelle...

E o meu collega do *Temps* apontou para o Costa Ferreira, n'aquelle momento em conversa com um inglez. Fiquei envaidecido. O meu companheiro de missão, que nos tinha honrado e tambem honrado o Congresso, dava valor aos meus reclamos. Ainda bem... O dr. Bouquet falava assim porque assistira aos trabalhos do Congresso na 2.^a secção, e por lá vira o que fez o Costa Ferreira.

...Não tenho tempo para escrever mais. Fica para a carta de logo o que me disse o dr. Stassen. E' a epopéa dolorosa e grande, afflictiva e sublime, triste e gigantescamente bella, do que fez a Belgica nas horas da invasão.



Vasco Menezes, em Paris

PARIS, 13 de maio. — O Congresso terminou hontem, mas, para nós, começa agora o verdadeiro trabalho de investigação sobre o que aqui se faz. Vamos visitar as principaes escolas de educação e os primeiros centros de physiotherapia. O dia de hoje, n'este ponto, é de pequena utilidade. E' domingo, o que equivale a dizer que é um dia morto. Amanhã, porém, desforro-me porque vou a Rouen, a convite dos belgas.

Hoje descanso dos trabalhos da Conferencia entre os alliados, que é descanso bem ganho. Trabalhámos muito e talvez com exagero. O Costa Ferreira que o diga. Está extenuado e já fala em sahir para ahi na proxima quarta-feira, aproveitando a companhia do Azevedo Gomes, o distincto collega, que, em Paris, tem sido um dos nossos companheiros mais queridos. Logo á tarde é que vamos á legação, onde se realisa o chá, que o nosso ministro João Chagas offerece e para o qual fomos, gentilmente, convidados.

Devo-lhes confessar que, apesar de cansado pelos trabalhos do Congresso, calculava aproveitar o domingo de hoje com a visita a Rouen, mas disseram-nos que o sr. Norton de Mattos chegava e eu queria esperal-o

na *gare*, onde se devem reunir muitos portuguezes, entre elles os parlamentares que estão de passagem para a Conferencia de Roma.

Ha uma hora, porém, que annunciaram que o ministro da guerra só chega amanhã, pois que tivera mais um dia de demora em Hespanha. Isto equivale a dizer que não o aguardo, mas o Costa Ferreira e o Tovar de Lemos resolveram dizer-lhe que tinha ido a Rouen, onde me esperam os belgas, aos quaes já havia solicitado a transferencia de um dia. Vou em serviço, e este, em minha opinião, prima a tudo.

Entretanto, por hoje, já tenho duas noticias interessantes a dar-lhes. E' que o dr. João de Menezes viu e abraçou aqui o seu filho Vasco, sem necessidade de ir á frente da batalha, e que o dr. Gourdon, cujo encontro foi casual no *boulevard*, me deu novos ensinamentos, que transmitto para me não esquecerem. Trata-se de saber quando é que se deve applicar ao mutilado o apparelho provisorio e depois o definitivo. E o que vou relatar deve ser lido, com attenção, pelos cirurgiões d'ahi, pelos orthopedistas e até... por aquelles que ainda usam muletas e pernas de pau.

—Para os amputados do membro inferior, o apparelho provisorio deve ser applicado logo que seja possivel, isto é, desde que o coto, cicatrizado e preparado, esteja em condições de supportar o contacto e a pressão da prothese. Para os apparelhos definitivos a questão é outra. Não devem ser collocados senão quando as regressões do coto pareçam estacionarias e quando pareça que já não possa ganhar mais, em desenvolvimento muscular e mobilidade articular.

— E quando será?

—Depende da região e da séde da amputação. Em geral os soldados que tem passado pelo meu hospital e que, como você sabe, são de muitos milhares, quando amputados do ante-braço recebem o seu apparelho defi-

nitivo uns dois mezes depois da cicatrização. Quasi que este é o tempo para os amputados da perna.

— E no braço e nas coxas?

— Por causa das infiltrações dos tecidos e frequentes perturbações circulatorias, no braço levam-se uns tres mezes e na coxa uns quatro mezes antes que se possa pensar n'um apparelho de prothese.

— Sendo assim, meu caro doutor, no seu hospital os mutilados não vão para as officinas senão mezes depois de hospitalização...

— Engana-se, talvez, dando um caracter terminante ao que affirmo. Os numeros que aponto são de medias. Tenho por lá doentes a quem dei pernas artificiaes em menos de um mez!

Depois, em conversa, analysámos o trabalho de uns e outros cirurgiões celebres, os seus processos de technica e a preocupação de alguns — felizmente raros — que, na guerra, quando amputavam um soldado, tinham a preocupação da esthetica do coto.

— Meu amigo, o apparelho reproduzindo o mais estheticamente a fôrma do membro não tem provado que seja o melhor.

— Qual deve ser então?

— A experiencia demonstrou que, para obter um bom rendimento funcional de um apparelho de prothese, é preciso que o coto substitua certas condições anatomicas e physiologicas, que seja bem preparado, que o apparelho esteja bem fabricado por um tecnico com experiencia e com a fiscalização do cirurgião orthopedista. E' assim que eu penso e commigo...

— Quem?

— O professor Rieffel.



A educação dos cegos da guerra

--Os soldados cegos reeducam-se facilmente?

—Melhor que os cegos ordinarios.

Esta foi a informação colhida do dr. Lapersonne, professor da faculdade de medicina de Paris, que foi tambem um dos relatores do ultimo congresso inter-aliados para o estudo da reeducação e reconstituição funcional dos mutilados da guerra.

Tal informação confirmava a idéa, corrente entre os medicos, de que os feridos nos olhos estavam nas melhores condições phisicas e moraes para refazer a sua educação. Os soldados na guerra vivem n'uma idade entre os 19 e os 45 annos e antes da guerra tinham completado a sua educação. Portanto, estão dentro da regra que o dr. Lapersonne lembrou:

—Já em tempo de paz, os cegos por desastre, queimaduras com causticos, explosões de minas, etc., faziam grande differença dos cegos desde creança e dos amauroticos por doença...

Entretanto, o problema educativo dos cegos da guerra tem muitas difficuldades. A' sua resolução entregaram-se os philantropos, os homens de coração e os medicos.

O primoroso litterato Brioux é o maior apostolo d'essa

cruzada de bem. A sua acção suggestiva exerce-se, principalmente, sobre o estado mental do doente, que soffre alternativas, frequentes, de desanimo e de esperança. As suas palavras são de energia no reconforto do pobre soldado. Nunca são palavras piegas. Anima os cegos, sem lhes deplorar a enfermidade. Brioux chega a erguer o seu protesto contra os falsos piedosos que cercam os pobres doentes com lamurias. E' que esses fazem mais mal do que julgam. Os ophtalmologistas temem a mesma opinião. Para exemplo, o dr. Lapersonne affirmou :

—O humor dos cegos varia muito. A sua hora mais penosa é a da manhã, ao despertar, quando verificam, mais uma vez, que estão mergulhados nas trevas. Durante o dia, após as horas de distracção, voltam as horas de tristeza. Pelo contrario, aquelles que se reúnem nos *ateliers* ou nas officinas vivem mais alegres, mais communicativos...

—E quaes se adaptam melhor ?

—Os homens do campo, que são os que constituem, em França, a maioria dos cegos da guerra. Os intellectuaes e os cidadãos são mais difficéis. E, coisa curiosa, os mais resignados são os soldados já de certa idade, os casados ou os noivos...

—Talvez o pensamento de que voltam cedo para as suas familias?... .

—Talvez...

Em verdade, todos os educadores dos cegos são unanimes em dizer que os novos tem mais excitabilidade nervosa. Queixam-se muito do seu isolamento. Sofrem d'um dominio estranho, ou de preocupações sentimentaes, ou de preocupações sexuaes. Tambem é certo que o estado mental pode soffrer d'outras influencias, como lesões osseas, mutilações de face, suppurações que são interminaveis. E com mais forte razão quando a cegueira vem de lesões encephalicas.

Os aliados teem cuidado dos cegos com muito carinho e assistencia regular. Na Inglaterra, na França, na Belgica, na Italia, os resultados teem sido visiveis. Raro é o cego que não se reeduca em menos de oito mezes. Chega-se até a marcar um periodo fixo para esta reeducação. O dr. Lapersonne precisou :

—A lei italiana exige seis mezes. E' o tempo sufficiente para o cego que conserva a lembrança das coisas. Com uma pre-reeducação methodica e com uma educação intelligente, chega-se a valorisar, para o trabalho, um cego em menos de quatro mezes!

A pre-reeducação methodica, disse o dr. Lapersonne!... Sim, d'ella depende o resultado a obter. E como se faz? Confiada ao medico. Faz-se comprehender ao cego a sua situação e que a deve aceitar. Encaminhando-o, para em breve tempo, se guiar, comer e vestir, lavar-se e tratar da sua roupa. Distrahindo-lhe o intellecto. Como?

—A' semelhança de que se faz em França, lendo as cartas de Brioux aos «Soldados feridos nos olhos». Dizendo-lhes e provando-lhes que ainda podem ser muito uteis á familia e á Patria. Aconselhando-os a que estudem o methodo de Braille, porque podem depois corresponder-se com os que vêem. Obrigando-os a ligeiros exercicios de gymnastica e de jogos para lhes acalmar as insomnias ..

E o dr. Lapersonne confirma estas palavras, dizendo que nos pequenos *ateliers* de cegos, creados n'alguns hospitaes pelo grande academico Brioux, teem sido feitas todas as demonstrações e que a experiencia de todos os dias prova que os soldados cegos gostam de frequentar a officina, fugindo da convivencia dos que vêem e até dos que vêem alguma coisa.

—Porque?

—Porque os não comprehendem.

Aos cuidados de pre-reeducação devem seguir-se os

da reeducação. Em França, esta é feita em escolas especiaes, umas do Estado, outras particulares. A mais importante é a «Casa de Convalescença dos Soldados Cegos». Deve-se a uma convenção generosa entre os ministerios da guerra e do interior e o sr. Brissac, que é, em França, o director da Assistencia e da Hygiene. A poucos mezes da guerra abriu com 40 soldados. No fim d'um anno já tinha 200.

Depois a população augmentou e hoje a escola já tem filiaes, que estão repletas. Isto deu alento á philantropia particular. A grande Associação Haily está espalhada por todos os territorios e por todas as cidades, com mestres de valor, aqui e além. Basta dizer que o notabilissimo professor Truc está em Montpellier, que Felix Robert está em Tours, que o dr. Lautré está em Toulouse. A escola de Saint Brioux está sob a direcção do professor de philosophia Felix Thomas.

Perguntámos se não havia escolas especiaes de agricultura.

—Sim. Ha muitas e importantes. Por exemplo, no dominio da Trapa, em Sept Fons, ha uma escola para onde são enviados os cegos já reformados. E sabe quem a dirige?

—Não posso prever... Talvez algum mestre...

—Não... Um padre trapista, de origem canadiana, que perdeu a vista na guerra, batendo-se como um heroe.

«Fazendo um inquerito aos officios que os cegos aprendem verifiquei que os teem manuaes e exercem profissões intellectuaes. São fabricantes de escovas, de cadeiras de verga, de cestos de palha e de chapheus. São sapateiros, principalmente bons para concertos no cabedal. São ajustadores mechanicos, montadores de rodas de aeroplanos, polidores de metal. São maçagistas...

—Eu vi-os trabalhar...

—Onde?

—No Grand Palais...

—N'esse caso verificou que executavam bem... Não é verdade? Você, como especialista, deve ter uma opinião sobre o caso...

Tinha realmente. Era a de que os cegos eram excellentes auxiliares n'esse tratamento de gymnastica passiva. Aconselharam-me que visse os que trabalhavam em Evian, em Vichy. Como os do Grand Palais foram educados na escola de Reuilly.

Outras profissões exercem. Recentemente crearam os francezes uma escola de ceramica commercial. Alguns são excellentes dactylographos! O tenente Muller já educou alguns para stenographos. Ha cegos telephonistas com apparatus Standard. Ha afinadores e reparadores de pianos. Citaram-me casos de professores primarios, que voltaram a dar lições, a fiscalisar os quadros moraes e até os desenhos e contas nas pedras de ardosia! Um d'elles é notavel. Deram-me o seu nome. E' o sr. Dallet, que ensina em Saint-Brevin. N'uma carta que escreveu, diz—«Em dois mezes exerci mais influencia moral sobre os meus alumnos que em dez annos de sermões e de reprimendas.»

De todos os lados surgem os exemplos de que os cegos são susceptiveis de exercer excellentes profissões. Brieux está convencido de que davam bons agentes de companhias de seguros e representantes commerciaes. Os que são advogados podem continuar o exercicio da advocacia. O mesmo pode succeder aos magistrados. Os exemplos confirmam a affirmação. O dr. Lapersonne dá ainda uma novidade interessante. A d'um collega...

—Medico?

—Sim... Aqui dos arredores de Paris .. Ficou cego, mas continua a exercer a arte.

A obra de reeducação dos cegos tem, portanto, largo caminho de trabalho. Aparecem difficuldades? Evidentemente, mas que podem vencer-se. Mesmo a dos cegos

mutilados e a dos meio-cegos. Aos mutilados, o Estado pode augmentar-lhes a taxa de subsidio. São dignos d'elle. Alguns ha que mostram decidido empenho de viver e de serem uteis. Em Bordeus, dizem-me que ha «modelos-typos de cegos» com aparelhos artificiaes de braço a trabalhar em objectos de verga! Extraordinario!... Emquanto aos meio-cegos tudo se resume a separal-os da camaradagem dos cegos.

—Porque?—é a pergunta que occorre fazer e que tambem fiz.

—A experiencia demonstrou que os que vêem pouco nunca estão á vontade nem entre os que vêem nem entre os que não vêem nada. Basta que um meio-cego tenha um dito de espirito ou uma censura para despertar nos cegos sentimentos de inveja, ás vezes de odio.

—Succederá com toda a gente o mesmo?

—Não. O cego perdoa mais facilmente ao que vê e não admite gracejos ao que está mais favorecido do que elle na cegueira...

São estas, e magnificas, as informações do dr. Lapersonne, que eu completo dizendo que 70 0/0 dos cegos podem voltar para suas casas, em menos de 6 mezes, e que só 10 % são incapazes da reeducação de qualquer trabalho. São os mais infelizes...

(PARIS—MAIO DE 1917).



Os surdos da guerra

Durante a sessão de encerramento da Conferencia inter-alliados, estive com extrêmea attenção, quando se votavam as conclusões. Examinava o muito de util que o Congresso tinha obtido. Depois... precisava saber aquillo que se ia communicar aos governos dos respectivos paizes. Seguindo, com religiosidade, a sequencia dos trabalhos, impressionou-me o relatorio sobre os surdos da guerra, que foi trazido á assembléa pelo grande academico e homem de coração que se chama Brioux e que era da auctoria d'um especialista das doenças de garganta, ouvidos e nariz, o dr. Chavanne, de Lyon.

O relatorio expunha a necessidade de se cuidar dos mutilados da audição. Era simples, comprehensivel de todos, mesmo dos medicos que, como eu, poucos conhecimentos teem d'essa especialidade clinica. Na sua simplicidade, porém, o relatorio era commovedor. Principiava por lamentar que a mutilação dos ouvidos não fosse tão sympathica á philantropia da grande massa como as outras mutilações. Os surdos, na verdade, são os mutilados que mais se ignoram.

A um lado, um capitão medico francez, a cada phrase que ouvia, commentava com a seguinte :

— E' verdade!

Estranhei o facto. O dr. Saulnier explicou-me que era um discipulo do professor Lannois e, como tal, collaborador de trabalhos sobre surdos, mudos e doenças de garganta. Tratei de conversar com elle. As suas elucidações, que foram rapidas e que foram claras, completaram o pouco que conhecia do assumpto e deram-me os necessarios esclarecimentos para lhes dizer qualquer coisa sobre este problema da guerra.

— Se temos muitos doentes hospitalisados? Muitos... Mais do que se julga...

— Mesmo doentes do ouvido externo?

— Sim. Ha exemplares curiosos de ferimentos na apofise mastoideia, no conducto auditivo externo, no pavilhão, com competente trabalho de plastica, que é quasi de prothese.

Soubemos depois que o pavilhão das orelhas se apresentava muitas vezes nos hospitaes com rasgamentos enormes e perdas de substancia. Quando estas não são consideraveis, o pavilhão repara-se com costuras cutaneas combinadas com costuras de cartilagem. Em perdas consideraveis, recorre-se á plastica.

— Fazem uma orelha nova?

— Emprega-se uma pasta que o lyonez Pont vulgarizou. Molda-se o pavilhão e colloca-se essa orelha artificial, pintada semelhantemente á do lado são, e applica-se sobre a perda da substancia. O ferido, depois, abandona o hospital com o seu molde e uma provisão de pasta...

— Para quê?

— Para reparar a sua orelha, quasi de oito em oito dias, por uma questão de necessidade e de utilidade.

O meu collega francez, que já havia tratado 1.355 surdos da guerra, dos quaes se curaram mais de 700, accrescentou que as mutilações do ouvido externo, quando profundas, se acompanham de surdez por commoção do labyrintho. Esta observação fazia-lhe pensar n'uma bar-

bara disposição, ainda admittida nos tempos de agora.

— Qual?

— N'aquella que diz que a cartilagem não sendo necessaria á audição, a sua perda apresenta, sobretudo, um inconveniente esthetico, cuja depreciação não foi admittida pela nossa lei de 1898...

*

O dr. Chavanne affirma, no seu relatorio, que a surdez da guerra, «total» ou «quasi total» é extremamente rara. No principio da guerra, foi temida por todos. Porquê? Pela intensidade da surdez apresentada pelos soldados feridos de commoção no labyrintho, no campo de batalha. O symptoma durava muito tempo. Semelhava-se ao das hemorragias labyrinthicas. Mas as coisas passam-se differentemente e ainda bem.

— Ha provas?

— Sim e concludentes. Os soldados soffrem um grande abalo, quando estão na frente junto da artilharia, mas a sua surdez não é definitiva.

— Então nos seus doentes?...

— Só encontrei 1,8 % de surdez definitiva. O dr. Lannois tem a sua percentagem de 2 % entre os milhares de enfermos que viu. Os nossos bravos militares, que são batalhadores e guerreiros por uma grande causa, ficam ensurdecidos mas não surdos.

— E os commocionados voltam para a frente?

— Mal entram em franca convalescença.

Emquanto conversavamos, a figura insinuante de Brieux lia as conclusões do relatorio, que terminava por propor que se praticasse a «leitura sobre os labios» como o verdadeiro processo, util e proveitoso, para os surdos da guerra e que devia ser feito, exclusivamente, pelos professores dos Institutos de Surdos Mudos e nunca por professores improvisados.

A conclusão era interessante. O dr. Costa Ferreira, quando a ouviu ler, fez com a cabeça um signal affirmativo. Compreendi immediatamente o que elle pensava. N'aquelle momento, lembrava-se da Casa Pia, onde tem gente dedicada a ensinar lhe os surdos-mudos. E eu tambem me recordei d'uma visita que á mesma Casa Pia fizera o dr. Bernardino Machado, visita que eu segui e na qual os rapazes surdos-mudos nos fizeram a surpresa de, á passagem de presidente, gritarem — se assim se pode dizer :

— Viva a Republica!... Viva o sr. Presidente da Republica!...

Mais propoz o sr. Brioux que as aulas de leitura sobre os labios fossem continuadas, depois da guerra, por tanto tempo quanto o exige a instrucção especial dos surdos das ultimas batalhas. Terminou por advogar a creação d'uma «União Fraterna dos Surdos da guerra», destinada a agrupar e a facilitar os condições diversas da assistencia. Era a sua alma de benemerito ainda a falar. Alma de poeta, que um grande sentimento animava...

Como nota de curiosidade a satisfazer perguntámos se não davam resultado os mil aparelhos que o commercio annunciava para dar audição aos surdos. O meu collega riu-se e disse-me o seguinte :

— Quando veiu a guerra com os seus horrores e entre estes com a sua surdez, surgiram, por encanto, os aparelhos vocifonicos. Chegaram a entrar nos grandes consultorios e nas academias. Tal reclamo fizeram que o sr. Justin Godard, o nosso intelligente sub-secretario de Estado, não desejando privar os seus doentes francezes d'um modo de tratamento que se dizia de valor e não permittindo que, sem verificação, se desse uma sanção official a «curadores de incuraveis», — convocou um Congresso d'esses inventores e, ao mesmo tempo, de especialistas de doenças de garganta, nariz e ouvidos.

Só um inventor se atreveu a comparecer. Foi o sr. Marage, com a sua sereia.

— E deu resultado?

— O d'um fiasco tremendo, de que não vale a pena falar...

Todos estes argumentos tendiam a provar que o tratamento da «Leitura sobre os labios», que Brieux propunha em nome de Chavanne era, para os surdos, o mesmo que o de Braille é para os cegos.

— A «leitura» que propõem é methodo novo?

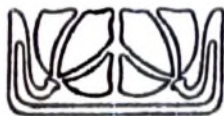
— Não. Já em 1644, John Bullwer a propunha. Durante seculos foi praticada por francezes, hollandezes, hespanhoes, italianos. Mas o Congresso de 1880, em Milão, é que o auctorisou scientificamente.

— Quanto tempo gasta a aprendizagem?

— Temos ensinado com a média de cinco a seis mezes. Tudo depende da vista, da intelligencia e da boa vontade dos mutilados do ouvido. Os casados e os agricultores fazem progressos mais rapidos...

O sr. Brieux era, na altura em que recebiamos as explicações do nosso collega, muito applaudido. O homem que trabalhava pelos cegos e surdos da guerra merecia a homenagem que lhe prestava o Congresso. O caso é que, do seu esforço e dos de muitos outros philanthropos é que se tinha conseguido fazer de surdos da guerra homens validos para as profissões anteriores, homens validos para as profissões novas, as de sapateiro, de typographo, de alfaiate, de ceramico.

Paris, maio de 1917.



Braços e mãos artificiaes que trabalham

O meu impulsivismo meridional acaba de soffrer um choque doloroso. Convenci-me de que as primeiras impressões nem sempre correspondem á verdade das coisas. Exultei precipitadamente. Julguei resolvido um problema que ainda está longe de solução.

Eu explico.

Quando entrei nas escolas de reeducação e vi mutilados sem braços e sem pernas a trabalhar, julguei que se tinha descoberto o melhor apparelho de prothese e o melhor braço de trabalho. Era natural que assim pensasse. E' que vi apparelhos, que, n'uma paralyisia do radial, tinham tractores e molas, para se substituirem aos tendões extensores paralyisados, permittindo um movimento quasi normal dos dedos! Vi apparelhos, com engenhosa mechanica, que davam a um resecado do cotovello meios de utilizar um musculo são que, por si, accionava um apparelho substituindo um grupo de musculos! Vi apparelhos que permittiam as coisas mais extraordinarias. Estive com mutilados dos braços enrolando cigarros, cobrindo-se e descobrindo-se com o chapéu, brandindo uma bengala, sachando, cosendo! N'algumas escolas, alguns d'esses mutilados tocam piano e ha casos

de antigos violinistas musicarem como em tempos em que usavam os dois braços! Vi tudo isso e enthusiasmei-me. Mas... appareceu-me o dr. Ripert, agora, ha poucas horas ainda, dizendo que taes habilidades constituem excepções, que eu, como homem de sciencia, não devia antepôr á regra geral.

Como experiente e na sua qualidade de tecnico, collaborador do dr. Rieffel e chefe d'um centro de apparelhagem, garante que grande numero de mutilados, ao cabo d'um tempo relativamente curto, supportam mal os seus «braços de trabalho», porque, sendo apparatus complicados, embora de artistica e engenhosa execução, não dão o resultado que se desejava.

Os fabricantes de apparatus trabalhavam muito para a admiração de um publico incauto e ignorante em materia de orthopedia. Nunca maravilharam technicos.

O que succedia em França succedia, porém, em toda a parte. Entre apparatus que davam relativos resultados, e entre habilidosos enfermos, havia dezenas de apparatus que de nada serviam e doentes dos quaes nada se conseguia! Affirmava esta verdade com as provas da sua experiencia.

—Mas isso tambem se applica aos apparatus das pernas e coxas?

—Não. D'esses ha muita coisa boa.

*

Referia-se aos apparatus dos membros superiores, aos mais reclamados, salvando da critica alguma coisa que já existe e que está dando relativos resultados, mesmo n'esta apparelhagem de braços.

Explicou com os seguintes argumentos:

—A' primeira vista, parece que a mão ou um braço não podem ser substituidos senão pela mão ou braços artificiaes que reproduzam a forma primitiva. Depois, com a febre de

atirar com os mutilados, o mais cedo possível, para as oficinas, deram-lhes taes mãos e braços articulados. Seduzidos pelos tentadores offerecimentos de habeis commerciantes, que mostravam photographias com amputados de braços executando movimentos da vida corrente, os mutilados compravam esses maravilhosos apparatus. E não foram só elles. As sociedades de beneficencia compraram-nos; até o proprio Estado os comprou! A desillusão veiu depressa, e cruel. O operario que trabalhava na officina com a «mão articulada» ou com o «polegar automotor» percebeu que taes coisas constituiam um obstaculo. Atirou com ellas para um armario!

—Triste aprendizagem! . . .

—Sem duvida. . . mas que não succedeu apenas aos aliados. Os allemães verificaram que em 65 dos seus amputados d'ante-braço só 11 se serviam do seu apparatus proteico e 54 trabalhavam com o coto.

—Grande desproporção na verdade. . .

—Mais ainda. . . Outra estatistica allemã disse-nos que, em 245 amputados de braço, 210 não se serviam do seu apparatus. A mais recente relata que na Westphalia, em 126 amputados do membro superior, 9 sómente se serviam do seu apparatus e que 117 não o utilisavam!

—Que se tem feito para remediar esse inconveniente?

Soubemos então a opinião d'aquelle mestre: Os mutilados verificaram que, com uma mão e com o que lhes restava do outro membro, eram capazes de executar grande numero de movimentos e puzeram-se a aperfeiçoar a educação da mão que lhes restava e a do coto do membro amputado. Depois, aproveitando a experiencia de companheiros, amputados de mais tempo, combinaram e fabricaram utensilios. Os directores das officinas e os medicos encarregados da pothese ajudaram-os com os seus conselhos e engenharam processos de confeccionar utensilios semelhantes. Foi d'esta collaboração do medico,

do engenheiro e do amputado que nasceu o melhor braço de trabalho.

—Quer dizer que se marchou do empirismo para a sciencia...

—Assim foi. De resto, é o que tem succedido a muitas coisas de physiotherapia. Ling foi um empirico, mas hoje a sua gymnastica sueca constitue uma sciencia que os medicos aperfeiçoam e utilizam... E n'isto de braços artificiaes já a historia registava esses empiricos que a medicina depois aproveitou.

— Presentemente, a minha memoria...

— Não se recorda? Então aquelle celebre cavalleiro de Goetz, que de 1553 a 1604 combateu com uma mão de ferro? Aquelle amputado a quem o pequeno Loreno construiu um apparelho? E os trabalhos d'aquelle medico de aldeia, o famoso Gripouilleau, que foi o verdadeiro inventor do braço de trabalho, ahi por 1868 ou pouco mais?

Como se vê, os medicos que me informavam e com quem conversei não eram apenas technicos para estes tempos de guerra. Eram homens de muita illustração, que se revelava a cada pergunta que lhes fazia. Patriotas, multiplicavam os seus talentos para descobrir coisa util e para dar á Patria novos elementos de vida. Já conseguiram muito. Mesmo n'este assumpto de mãos e braços artificiaes,—apezar de convencidos de que não se encontrou a derradeira solução—já conseguiram bastante. Presentemente, orientaram as suas idéas segundo o criterio de que o «braço de trabalho» é apenas um auxiliar do braço são, portanto com um numero restricto de movimentos a fazer. Consequentemente, o apparelho tem de ser simples e robusto, fazendo corpo com o amputado...

—Para quê?

—Para que nos movimentos de força o amputado não tenha a impressão de que o braço lhe vae cahir ou que lhe foge. E' preciso que o aparelho seja para o amputado e não o amputado para o aparelho.

E com esta indicação seguiu-se a de que os braços utilizados pelos medicos Nové-Josserand, Gourdon, Froelich, Boureau e Estor correspondiam á condição de robustez.

A'cerca da mão artificial ouvi a critica de dezenas de aparelhos, inclusivé a critica da «mão universal», do sabio Amar.

—E' a melhor?

—Parece que não... Seguramente é inferior á de Boureau, de Tours, que creou typos de mãos artificiaes para homens de campo, vinhateiros, calceteiros, relojoeiros, etc.

Perguntei se as mãos se articulavam aos braços por meio de parafusos, tal como algumas que vi na exposição do Grand Palais.

—Alguns utilizam esse processo, mas o preferivel é o de Mathieu, com a sua guilhotina que permite tomar todas as posições e que a mão se levante, simplesmente, só com a pressão d'uma mola.

Mostrou-me um exemplar que estava n'um «stand», sobre a galeria, e verifiquei o seu engenho e simplicidade.

PARIS, MAIO DE 1917.



Um officio, mesmo sem pernas e braços

A obra de «reeducação profissional dos feridos da guerra», ou melhor de «reconstituição funcional», como lhe chama o professor Sigalas—, tem feito maravilhosos progressos em terras de França. Apareceu a primeira officina em dezembro de 1914 e em junho de 1916 já havia 62 escolas de «reconstituição» dos mutilados da guerra, com chancellia official ou quasi official! As pequenas escolas de reeducação, devidas á generosidade particular, essas são ás centenas. Todos trabalham para dar nova vida aos bravos que as grandes batalhas mutilaram ou estropiaram.

Tinha de ser assim. Não se podia fazer o mesmo que se fez nas guerras anteriores.

O numero de feridos é infinitamente maior. Depois de 1871, alguns milhares de mutilados obtiveram empregos publicos, que eram verdadeiramente sinecuras. Hoje as coisas são diferentes. Os poderes publicos não podem empregar todos os estropiados da guerra. Calcullem o que seria uma coisa d'essas em Portugal!... Se, agora, já ha difficuldades em empregar os revolucionarios civis, o que seria depois com os milhares de valen-

tes que hão de voltar da guerra feridos, mutilados e estropiados!... Nem pensar n'isso é bom...

M^{me} David-Weill, intelligente directora d'uma Escola de Aprendizagem para os mutilados, tem, sobre o caso, esta opinião:

— Se derem aos feridos logares que não exijam conhecimentos especiaes, não só se estimula o exodo rural, como se lhes offerece um ganha pão passageiro e instavel...

Tem muita razão. A obra de «reconstituição funcional» é benefica para o ferido e muito proveitosa para o seu futuro. E' uma campanha de bem, cujo alcance social e moral, d'alto valor patriotico e economico, ainda poucos viram ou meditaram. Adivinhou-a, na nossa terra, a Cruzada das Mulheres Portuguezas. Pena é que mais alguém ainda não pensasse no assumpto. Nos paizes aliados, que não o nosso, este problema prima a todos os outros. N'elle está um grande desequilibrio ou uma grande perturbação, depois da guerra,

Fazemos este ligeiro comentario porque não conhecemos, por ahi, em Portugal, esboço de maiores trabalhos a fazer. A obra do Instituto de Arroyos, a que a esposa do ministro da guerra se dedicou, sendo já qualquer coisa util e bella, é, no emtanto, insufficiente. A maravilhosa obra que é ainda da Cruzada e na qual o dr. Francisco Gentil emprega muito da sua febril actividade, a do Hospital de Campolide, com as suas variadas secções e as suas 1:200 camas, ainda é insufficiente. Torna-se necessario que se pense em maior hospitalisação. E não consta que as administrações hospitalares prevenissem um futuro que se avizinha. Pelo menos, collegas militares e militarizados, com quem tenho falado, não me annunciaram o mais leve signal de movimento...

Em França, como disse, existem escolas de «reconstituição» por toda a parte. A sua tarefa tem sido proveitosa. Quando perguntei ao dr. Kresser o numero de

operarios já feitos e que ganhavam a vida, sem prejuizo da sua enfermidade de mutilados, respondeu-me :

—Em junho do anno passado, as estatisticas accusavam 2.846 operarios completos.

Estas escolas recrutam os seus alumnos d'uma maneira curiosa. Nos grandes centros de physiotherapia de aparelhagem e de reforma, o medico chefe põe á disposição do director da escola a lista dos que chegam. O director convoca-os, interroga-os amigavelmente e diz-lhes que deviam aprender um officio, conforme os seus gostos e aptidões. Fala-lhes da Patria e no proprio interesse d'elles. Os bravos rapazes, em geral, concordam. Depois seguem-se a seducção e o estimulo. Na visita que fiz, com os drs. Costa Ferreira, Luzes e Tovar de Lemos, ao Hospital de Santa Genoveva, em Versailles, o dr. Cololian indicou-nos um processo seu, de resultado infallivel.

—Qual é?

—Deu uma licença regular, todos os domingos, aos feridos que mais trabalham ou mostram mais vontade.

Algumas escolas chegam a attrahir alumnos, como o sr. Antonio Santos chama gente para o Colyseu, isto é com um reclamo espaventoso e promessas seductoras! Ha prospectos e cartazes que são primores! Organizam-se sociedades para a propaganda, que pagam bons salarios, mesmo aos aprendizes!

E' possivel que tudo isto resulte da falta de mão d'obra. Mas, seja como fôr, a verdade é que a «reconstituição funccional» dos mutilados da guerra representa um grande beneficio para o thesouro e uma grande acção de boa moral e philantropia.

Sir Thomas Olliver pensa que a egualdade de salario entre o valido e o invalido, preconizada pelos syndicatos inglezes, impede, actualmente, na Inglaterra o emprego dos invalidos na industria. Como resolver então o problema? Foi a pergunta que fiz a M.^{me} David-Weill:

—Salario igual, para trabalho igual em qualidade e quantidade.

*

Tenho visto que, em França, a reeducação dos mutilados é gratuita.

N'alguns centros, como o de St. Maurice, onde está o sabio Bourillon, até o internato é gratuito. N'outras escolas, o ferido paga, descontando a comida no seu salario diario. Este varia, em média, entre 2 fr. 50 a 4 francos, havendo, porém, empregos de 12 e mais francos!

Emquanto aos officios que aprendem, vi que nas grandes escolas pertencentes ao Serviço de Saude é o medico que determina a possibilidade, para o ferido, de exercer a sua antiga profissão. Naturalmente, como a maioria dos soldados que se bateram foi arrancada aos campos, é a reeducação agricola a que os medicos mais suggestionam. Quando perguntei ao dr. Regnier, durante uma sessão do Congresso, quantos dos mutilados eram antigos agricultores, obtivemos a seguinte resposta:

—São 75 % dos feridos.

Mas além da reeducação agricola ha outras profissões muito praticadas nas Escolas. Quasi todos os amputados e estropiados graves do braço esquerdo, que vi nos centros de Paris, faziam desenho industrial. Na visita a St. Maurice, o dr. Costa Ferreira perguntou ao professor Bourillon alguns numeros comprovativos.

—Já empreguei em grandes fabricas 33 alumnos, que são agora habilissimos desenhadores industriaes.

Além d'estes, ha muitos outros empregos e officios. Já tenho falado d'elles, e, em todos, os aliados desejam empregar o maior numero dos seus heroicos feridos.

Paris, maio de 1917.

As profissões dos mutilados

Uma das preocupações dos intellectuaes francezes e reeducadores dos mutilados da guerra é a de fazer regressar os homens do campo aos trabalhos do mesmo campo. A agricultura tambem exige o seu operario. O physiotherapeuta dr. Regnier proclama, bem alto e em termos energicos, tal necessidade, dizendo que a França é um paiz essencialmente agricola, que precisa tirar proveito das suas riquezas extraordinarias. O seu protesto traduziu-se, desde logo, nas sessões do Congresso Inter-Alliados, quando disse de maneira critica e com dolorosa ironia :

— Eu já não posso vêr tanto sapateiro!...

O illustre medico-chefe dos serviços de physiotherapia do Grand Palais referia-se ao facto dos mutilados da guerra darem demasiada preferencia a esse officio. Os antigos trabalhadores agricolas, os carpinteiros, os ferreiros, até os mineiros, quasi todos, ou a grande maioria d'elles querem fazer ou concertar botas! Não pode ser! Por este motivo, a França está sentindo o prejuizo d'esta errada reeducação dos feridos da guerra, e nós, que em breve tempo teremos que «reconstruir functionalmente» os bravos militares portuguezes, devemos, desde começo,

evitar esse falso caminho e orientar o mutilado na escolha da sua profissão. E qual deve ser esta? Tudo depende do grau, maior ou menor, da sua invalidade. O ministerio do trabalho francez mandou fazer um inquerito a onze industrias differentes e colheu estas respostas dos patrões:

— Boa vontade temos nós de collocar e utilizar os mutilados, mas devemos dizer que só teem algum prestimo para a industria os mutilados dos membros inferiores e alguns dos ligeiramente feridos nas mãos...

O inspector de saude Boulisset diz a mesma coisa, accrescentando que os mutilados da face não teem influencia na producção. Com estas declarações, conformaram-se os que defendem a occupação na agricultura, garantindo que o campo dá emprego aos mais ou menos estropiados.

Na verdade, assim é. Mas não se pode atirar, sem precaução, para o campo com o estropiado que nunca foi agricultor. De resto, outros trabalhos exigem immediata mão d'obra. Pelo menos, esta deducção é facil de perceber, quando se obtem, como eu obtive, a resposta do sr. Brancher, chefe d'um serviço no ministerio da agricultura, em França.

— Quer numeros exactos? Para um 1.000:000 de industriaes com 3.700:000 de operarios ha 2.300:000 de proprietarios agricolas com 2.400:000 de trabalhadores...

Quer dizer que a industria e a agricultura se equivalem em população. E ainda ha a considerar outras occupações e profissões liberaes.

*

A collocação dos invalidos de guerra no seu antigo meio profissional tem trazido á discussão grandes divergencias e differentes opiniões. A corrente mais ou menos admittida, com fundamento technico e psycholo-

gico, é a de que o mutilado da guerra deve voltar á sua antiga profissão ou industria analogá.

— E onde?

— De preferencia, na sua propria região...

Quando tal ouvi, tive o horror d'um quadro longinquo deante dos olhos. Lembrei-me do pobre militar de Traz-os-Montes que a guerra venha a estropiar ou a mutilar. Como pode, esse bravo, que se bateu pela Justiça e se sacrificou pela Patria, voltar á sua profissão em Traz-os-Montes, se n'essa bella provincia, que ha annos se debate com a fome, elle, quando valido, já ganhava menos do que era preciso para comer? E quem diz de Traz-os-Montes, diz d'outras provincias onde o salario é insignificante, mal existem industrias e a agricultura é rudimentar. Para o nosso paiz, pelo menos, aquella formula tem de soffrer ligeiras modificações ou perde-se o nobre proposito do ministro da guerra em tornar effectiva, atravez de toda a sua invalidez, a assistencia ao militar que a guerra estropiou.

Os argumentos que ouvi, em relação aos outros paizes alliados, eram realmente accitaveis. Os delegados servios concordaram em absoluto. Eu tambem concordava se o nosso paiz tivesse outros recursos. Em todo o caso, fui perguntando esclarecimentos acerca do emprego que a agricultura moderna dava aos mutilados, obrigando-os a manobrar com poderosas machinas e utensilios de lavoura, por exemplo os tractores.

— Nem todos podem fazer esse trabalho.

— Porque?

— E' muito violento.

— Então quaes são os doentes que empregam de preferencia, na conducção de tractores?

— Os mutilados d'uma perna; os mutilados d'um braço a quem ficassem boas as articulações da espadua; os mutilados tendo dura a articulação do cotovello, mas normal a articulação da espadua.

*

A França, a Inglaterra e a Italia, segundo o que me dizem, não procuram unicamente que os seus mutilados trabalhem a terra fertilissima dos seus solos. Como a guerra domina tudo, tambem empregam aquelles que n'ella foram mutilados ou estropiados nos trabalhos de industria da propria guerra, procurando-lhe mais, muito mais e cada vez mais elementos para a victoria final.

As fabricas de canhões, de munições e de material estão cheias de mutilados, aos quaes se confiam empregos exigindo pequenos esforços, em geral feitos na posição sentada. Vi alguns, na visita aos grandes centros physiotherapicos, a fazerem soldadura autogenea. Em Toulouse, segundo um relatorio que ouvi ler, empregam grande numero na verificação das granadas de 75 e de calibres inferiores.

Os feridos ou mutilados das pernas teem dado excellentes aparelhadores de machinas. Tambem são bons laminadores, carregadores de granadas e soldados de caixas de munições. Alguns surdos são empregados a chumbar metaes. E os engenheiros e medicos inspectores garantem que se encontram, por vezes, operarios habilissimos. Citaram-me um amputado da mão direita que é um notavel chefe *d'équipe* de fundição de canhões. Nomearam-me forjadores de canhões de rara habilidade, entre amputados de uma perna, ankysolados do cotovello, resecados da espadua e entre impotentes da mão esquerda! Garantiram-me que sempre se procurava dar aos feridos da guerra occupações que exigissem o menor esforço. De resto, a electricidade tudo simplificou.

— A electricidade?...

— Sim. Então, não é facil para um mutilado e pela simples pressão d'uma mola o accionar electro-imans, ascensores e monta cargas?

Tinha razão o commandante Duvernoy, que tambem

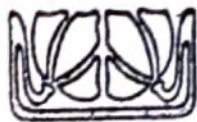
affirmou aos congressistas que os Paizes Alliados deviam animar, por uma multiplicidade de formas, o emprego dos mutilados da guerra na industria.

— Entretanto, é necessario que os senhores, que são medicos e orthopedistas, procurem os indispensaveis aparelhos de prothese.

— Porque?

— Eu lhes conto... Nas grandes forjas do Loire, o official inspector das officinas de Nantes recebeu dois operarios que queriam trabalhar. Infelizmente nenhum d'elles possuia um aparelho de prothese que lhe minorasse os soffrimentos physicos. Um tinha soffrido a amputação do pé esquerdo e outro a amputação de quatro dedos da mão direita ainda com um metacarpo fracturado. O primeiro, á custa de mil engenhosidades e fazendo mil experiencias em si, arranjou um pé mechanico e conseguiu trabalho. O segundo, porém, como não arranjou, como queria, aparelho para mover a mão, nunca fez nada.

Paris, maio de 1917.



A reeducação dos mutilados

Já disse quem é o sr. Leon de Paeuw. E' o inspector geral do ensino primario da Belgica, homem sympathico, alto, irreprehensivelmente vestido, com um olhar vivo e penetrante, azougado, eternamente obsequiador e que, na Conferencia Inter-Alliados, onde foi o secretario geral, se excedeu em deferencias para com os delegados de todos os paizes. Com os congressistas portuguezes foi d'uma amabilidade captivante. E como trabalhou na 2.^a secção com o dr. Costa Ferreira, fez-se um amigo d'este e, com elle, collaborou na discussão, porque ambos tinham a mesma maneira de vêr e de orientar. Ambos entendiam, e, a meu vêr, muito bem, que o mutilado depois de sahir do hospital de cirurgia devia seguir para a escola physiotherapica e d'aqui para as escolas de reeducação, onde ao lado do medico deve apparecer o pedagogo, ficando este com a responsabilidade da direcção technica.

Pois o sr. Paeuw apresentou na Conferencia uma serie de relatorios. Todos elles eram interessantes e exprimindo idéas. Um prendeu-me a attenção mais do que os outros. Tratava do momentoso problema de saber se ao mutilado se devia impôr a obrigação de se reeducar. Interroguei-o directamente.

—Sou partidario da reeducação obrigatoria.

Expuz-lhe as opiniões de muitos outros collegas que tinham idéas contrarias.

Elle conhecia essas idéas. Algumas estavam expostas em relatorios especiaes, que lhe tinham passado pelas mãos. Perguntou-me se havia lido a opinião do dr. Leullier.

—Não...

—Pois o medico Leullier entende que se não deve impôr uma obrigação aos mutilados francezes porque todos os francezes lhes devem a obrigação de os haverem defendido.

—Sendo assim, como entende elle a reeducação?

—A dada pelo exemplo e pela persuasão, e nunca sob fórma coerciva...

Já não pensava assim o secretario geral do Syndicato do pessoal do Gaz de Paris, que appareceu no Congresso Inter-Alliados gritando pela reeducação obrigatoria, imposta com a ameaça de quebra de pensão ao mutilado que offerecesse resistencia!

Menos partidario de medidas energicas, mas, ainda assim, partidario da reeducação obrigatoria, era o professor Sand, que em La Panne collabora com o famoso Depage na obra de salvação, de reeducação e reconstituição dos bravos soldados da Belgica.

—E quaes são as idéas do dr. Sand?

—As de collocar escolas de reeducação ao lado dos hospitaes. O ferido da guerra, junto dos homens que lhe deram a vida e a saude, passará, sem resistencia e sem nervosismo, das salas de cirurgia ás de physiotherapia e d'estas ás de trabalho profissional.

—Parece-me a melhor solução...

—Não o acredite. E' uma solução elegante, mas que não pode ter character geral. O dr. Sand julga que tudo é como em La Panne, onde a ambulancia «L'Ocean» possui todos os recursos e installações que muitos hospitaes de 1.^a classe não tem.

*

Ouvi entre os argumentos contrarios aos da reeducação obrigatoria os de que ella provocaria descontentamento das familias. O sr. Paeuw não acredita n'esse pessimismo, porque se as familias já soffreram tantos sacrificios durante a guerra e alguns bem pesados, este novo seria apenas uma privação. De resto, o Estado, em todos os paizes aliados, continúa a occupar-se do sustento das familias, como nos tempos da sua mobilisação para os serviços da guerra.

Um argumento mais valioso contra a obrigatoriedade de reeducação dos mutilados, que ouvi repetir uma, dezenas e centenas de vezes, foi o de que os bravos e heroicos feridos já estavam cançados da disciplina militar.

—Que diz a isto, sr. Paeuw?

—Que ha um fundo de verdade n'essa censura. O regulamento, rigido e severo, das casernas e das trincheiras deve quebrar-se um pouco para os hospitaes e para as escolas...

O illustre e intelligente secretario geral do Congresso era a unica concessão que fazia áquelles que, em criticas e em opiniões, contrariavam a obrigação de se reeducarem todos os mutilados. Porém, attribuia as responsabilidades aos officiaes e aos directores que vigiavam e superentendiam nos serviços. Contou a esse proposito o seguinte caso:

—Ultimamente tive occasião de conversar com uma mulher do povo, cujo marido, ferido em Verdun, fôra reformado por ferimentos graves. Perguntei-lhe se o marido não estava capaz de retomar a antiga profissão. Obtive uma resposta negativa. Aconselhei-a a que o fizesse entrar n'uma escola de reeducação.

—Oh! não, meu senhor!—disse ella com vehemen-

cia.—Já esteve dentro d'uma, mas não quiz mais. Tratavam-no como se fôsse um prisioneiro. Prefiro guardal-o em minha casa e tratal-o com mais carinho e com mais amor...

O sr. Paeuw via no caso uma coisa que se evitava facilmente. Bastava que á frente das escolas se collocassem apenas os homens que, pelo seu coração e pelas suas virtudes civicas, se tivessem notabilisado na sociedade. Ha muito philantropo. Ha muito homem bom.

--No seu paiz, por exemplo, deve haver muitissimos...

—Porquê?

—E' um paiz de sol, de sonhadores, de poetas; um lindo paiz perto do mar...

Como se vê, a opinião geral é a de que o mutilado da guerra, embora militar ou militarizado, não deve sofrer a aspereza d'um regulamento. Os heroicos feridos, guerreiros e bravos, já acabaram com a guerra. Nunca mais serão soldados. A disciplina, para elles, deve ser o que preconisa o sr. Paeuw e com elle o professor Sand, uma «disciplina civil», isto é, a obediencia a um regulamento dictado pelo interesse commum e que exija, apenas, ordem por toda a parte, ordem sem a qual não pode existir uma agglomeração de homens.

O professor Sand advoga a theoria de que na Escola se deve instituir um regimen humano, permittindo que o mutilado vá viitar a familia e que esta o guarde, ás vezes, n'alguns dias de licença. A Belgica já faz assim e os resultados teem sido magnificos. Tambem os dirigentes belgas usam um processo «humano» de encaminhar os mutilados. Deixam-lhes escolher a escola em que se devem reeducar. Se assim não succedesse, diz o sr. Paeuw :

--Era negar a liberdade individual pela qual a maioria do genero humano pegou em armas ..

O dr. Sand indica que o ferido não deve ser refor-

mado senão quando, trabalhador util ou operario completo, reconquistou o seu direito á independencia. Então, um *comité* composto do director da escola em que o mutilado se reeducou, de medicos, industriaes, commerciantes, agricultores, velará pela sua collocação, ficando sempre a fiscalisal-o. E' esta a melhor assistencia. E', pouco mais ou menos, aquella assistencia que, em conversa, ouvi defender ao sr. Norton de Mattos. E' aquella assistencia que pode transformar uma legião de mutilados da guerra, que pareciam mortos para uma existencia util, em legião proveitosa para a Patria e para o bem commum.

Fazendo assim, orientando assim, os belgas obtiveram resultados excellentes. Querem que lhes prove esta verdade, com a força irrespondivel dos numeros? Perguntei ao sr. Bartrez, na occasião em que conversava com o dr. Ham, o que obtivera com os seus dados estatisticos.

—Globalmente 80 % dos mutilados podem ganhar a sua vida; 15 % adquirem uma reeducação fragmentaria.

—N'esse caso, ficam...

—Apenas 5 % dos totalmente impossiveis de reeducar.

—Para estes, o que se faz?

—Criar asylos para os recolher se o pedirem, ou estabelecer uma assistencia domiciliaria. O Estado deve cuidar d'elles, porque n'esse momento é que representa a expressão da Nação.

Paris, maio de 1917.



A assistencia na Inglaterra

— E' um dever do Estado, que reconhece a sua responsabilidade. . .

Estes foram os termos com que se expressou sir Alfred Keogh, director geral do serviço de saúde do exercito inglez. Foram tambem as suas affirmações no relatorio apresentado á Conferencia Inter-Alliados para a reeducação dos mutilados da guerra. Effectivamente, a Inglaterra faz ao ferido o seu tratamento medico e cirurgico, ao mesmo tempo que analisa a situação domestica do soldado e o encaminha para a aprendizagem da sua antiga ou de nova profissão que, na vida civil, mais convenha á sua condicionalidade physica. Foi esta orientação que levou os inglezes a estabelecerem um ministerio de pensões, com a responsabilidade de tratar e de reeducar os invalidos.

Os inglezes fazem tudo com methodo e, antes de adoptarem uma organização estrangeira ensaiam repetidas vezes a sua efficacia. Construíram sanatorios para os tuberculosos, colonias especiaes para os epilepticos, meios salubres para os neurasthenicos, hopitaes especializados para surdos e para cegos. Depois não abandonam os doentes.

Em geral, a marcha d'um ferido de guerra, a cargo do Estado inglez, tem as seguintes *étapes*: Vae para um hospital de 1.^a classe da Inglaterra ou da Irlanda, onde é tratado por um medico ou cirurgião, especialmente escolhido. Depois é transferido para um hospital auxiliar para continuar o tratamento durante a convalescência. Volta a um hospital de 1.^a classe e comparece deante d'um conselho de officiaes do Corpo Medico Real do Exercito, que verifica, com documentos, qual é o seu estado e origem de incapacidade, para dar informações detalhadas, fixas e precisas ao ministerio das pensões. Se é enviado para casa dão-lhe uma ficha com todos os esclarecimentos e á sua chegada a casa é visitado por um representante do Comité local que verifica se ainda precisa de tratamento, de reeducação profissional ou de collocação. Durante este tempo recebe uma pensão cujo quantitativo depende da gravidade da doença ou do ferimento. Se o caso é orthopedico é tratado n'um centro physiotherapico. Durante o tempo de tratamento, que não exigia hospitalisação, reeduca-se conforme o seu estado physico o permite...

— É a reeducação physiotherapica como se faz?

— Com os ensinamentos do coronel Robert Jones...

Este processo é a substituição do antigo systema mechanoterapeuta pelo trabalho manual util. O medico em vez de aproveitar o gymnasio indica o trabalho para a articulação doente ou para a enfermidade muscular. O maior entusiasta por este processo de cura, que é, ao mesmo tempo, um processo de reeducação, é o capitão Hill. Foi este o principal propulsor das «officinas de Cura», que tomaram um desenvolvimento consideravel desde outubro de 1916. E' ali que, — segundo alguns medicos inglezes com quem falei — se curam, engenhosamente, certas enfermidades. Para um pé torcido em-

pregam, como aparelho, uma machina de costura com pedal. Para os feridos de braço, dão-lhes trabalho com uma serra de madeira, com um machado, com uma plaina.

Terá isto vantagem?

Dizem os inglezes que sim, concluindo por garantir que é mais facil curar um homem pelo methodo natural que por um processo artificial. Tudo se resolve com boas indicações do medico physiotherapeuta e com bons chefes de officina. E estes onde são recrutados de preferencia?

— Entre os proprios invalidos da guerra...

O capitão Hill diz que no hospital que dirige são invalidos os mestres da officina de carpinteiro, da officina de alfaiate, da officina de sapateiro, da officina de afinação de aparelhos de cirurgia, da officina de fazer cigarros. Tambem ali emprega os estropiados da guerra no fabrico dos aparelhos orthopedicos. Os aparelhos que o hospital utiliza são fabricados no proprio hospital.

*

Desde julho de 1916 a março de 1917, o hospital orthopedico militar inglez tratou, no seu serviço physiotherapico de electricidade, 19.000 soldados. Agora, a média diaria de novos tratamentos é de 175 feridos. O trabalho é continuo e extenuante.

No serviço de maçagem, doze senhoras pertencentes ao Almeric Pages Massage Corps trabalham continuamente, sob a direcção d'um medico especialista. Desde a abertura d'este serviço, em março de 1916, até março d'este anno, já se fizeram mais de 110.000 sessões de tratamento, variando cada maçagem entre dez minutos e uma hora.

Feito este tratamento physiotherapico, no qual entra, em larga escala, a gymnastica medica, o soldado inglez está apto a entrar n'uma escola de reeducação. Esta,

porém, não é obrigatória, como fazem os belgas. Esboça-se, no entanto, uma tendencia para impôr essa obrigatoriedade, com a qual não concorda o capitão Hill.

— Porquê?

— Nem é pratica, nem para desejar... Os invalidos, na sua grande maioria, são cidadãos com a consciencia do que devem a si proprios e ás suas familias...

Para os estropiados com absoluta incapacidade de trabalho, a Inglaterra conta com os bons esforços da Cruz Vermelha, que collabora estreitamente com o Ministerio das Pensões n'um systema, já organizado, de auxilio aos tuberculosos, epilepticos, etc. Os paralyticos são tratados em Richmond, no «Star and Garter». Os surdos e os cegos teem hospitalisação especial.

E' em St. Doustan que os cegos, na phrase pittoresca do dr. Keogh, «aprendem a ser cegos». Ensinam-lhes o methodo Braille. Dão-lhes officios de pequeno esforço physico e de sensibilidade manual. Empregam muitos a fabricar rêdes, alguns a praticar dactilographia. Existe tambem em St. Doustan um nucleo de bellos sapateiros que ao cabo de seis a sete mezes juntam, cortam, moldam e collocam tacões em botas e sapatos, com arte que muitos que usam olhos não teem. Os cegos d'este hospital e que aprendem este officio não são «remendões», são excellentes sapateiros!... Uns fabricam objectos de verga, outros brinquedos de madeira. Tambem, como vi em Paris, em varias escolas e no Grand Palais, os inglezes empregam os cegos na stenographia e na vigilancia dos telephones. Para estes trabalhos são escolhidos os mais intelligentes. Como tambem são, os mais perspicazes, os seleccionados para maçagistas.

— E teem alguns bons?

— Excellentes.

— Como lhes ensinam a technica da maçagem?

— Segundo os principios mais modernos e mais

scientificos. Os homens adquirem os sufficientes conhecimentos de anatomia, physiologia e de pathologia mesmo em St. Doustan. Depois vão para a Escola de Maçagem do Instituto de Nacional dos Cegos, com pratica diaria e auctorisada no Middlesex Hospital e no Hampstead Hospital. Com este systema já temos 14 cegos, habilissimos, fazendo parte do Almeric Pages Massage Corps. O medico encarregado do serviço n'um deposito em que ha 32 maçagistas cegos declarou que quatro d'aquelles 14 ensinados em St. Doustan são os melhores praticos que tem conhecido.

— E quanto ganham por semana?

— Duas libras e meia.

*

* * *

O relatorio de sir Alfred Keogh diz que, nos hospitaes da Inglaterra, do numero total de surdos, 25 % devem a sua enfermidade á detonação de canhões, a tiros ou outros ferimentos de balas. Muitos d'elles, n'uma elevada percentagem, são curaveis. Fez-se uma estatistica relativa a doze dos hospitaes militares inglezes que recolheram invalidos da guerra.

— Quantos?

— 67.799. Pois, d'estes, 919 eram surdos nos quaes a impossibilidade de cura se registou apenas em 326 feridos.

— Como os curam?

— Empregando o methodo de «leitura sobre os labios», que os francezes tanto exaltaram durante o Congresso, com uma modificação parecida com a do dr. Kruiss, de Wüzbrorey, que é o de reconhecer a «imagem dos labios».

O mesmo relatorio do chefe de saude do exercito inglez tambem explica as difficuldades que houve a prin-

cipio para resolver o problema de fornecer pernas e braços artificiaes aos numerosos mutilados que voltavam das linhas de fogo. Um jury de cirurgiões orthopedistas examinou-os e escolheu alguns typos. Agora, já ha fabrico especial, n'uma formação sanitaria.

— Onde?

— Em Rœhampton.

O notavel homem de sciencia garantiu, porém, que muita havia ainda a aprender com os outros aliados. Os inglezes o que tinham era, no 3.º hospital geral de Londres, um homem que era um especialista na prothese da cara.

— Quem?

— O esculptor Derwent Wood.

— Que faz?

— Narizes artificiaes e placas para a face com uma arte maravilhosa que engana quem não estiver prevenido.

Paris, maio de 1917.



O professor Camus

E' um homem interessante o professor Camus. Baixo, pouco espectacular de gestos, as lunetas escondendo um olhar vivo e penetrante, simples a falar com uns e outros, mas a uns e outros impondo a auctoridade do que diz, esse homem tem o respeito de quantos o ouvem e a consagração d'um clinico de valor. Eu já tinha percebido a sua influencia de auctoridade, durante as sessões da Conferencia Inter-Alliados. Quando falava, todos o ouviam em silencio. Quando apresentava a sua opinião, todos se aprestavam a escutal-o.

O dr. Camus tem, na actual conjunctura historica, um lugar proeminente. E' o chefe do serviço de physiotherapia do governo militar de Paris. E' a auctoridade suprema no Grand Palais, por onde passam milhares e milhares dos bravos soldados da França. Por conseguinte, era um collega, um authentico mestre, de quem queria ouvir opiniões ácerca da assistencia aos feridos de guerra, aos estropiados e aos mutilados.

—Que lhe posso dizer?

—Tudo, . . . Certamente que no detalhe que julgue o

menos interessante encontrarei elementos de estudo e de informação para a gente do meu paiz...

Soube então que o effectivo que passava pelo Grand Palais era, frequentemente, de 2.200 feridos, comprehendendo-se, n'este numero, aquelles que estavam auctorisados a dormir em casa. Soube mais que os feridos que entravam no hospital eram rigorosamente mensurados e que tambem eram examinadas as suas urinas. Que uma junta medica fazia uma inspecção rigorosa. Os casos simples tinham immediatamente definidos o diagnostico, o prognostico e o tratamento. Os casos mais duvidosos ou mais complicados impunham uma radiographia, um electro-diagnostico ou um relatorio. O dr. André Thomas verificava os doentes com lesões de sistema nervoso. Os feridos que precisavam de intervenção cirurgica eram vistos pelo dr. Mayet, a quem, por vezes, substituia o dr. Rieffel. Os doentes com affecções medicas eram examinados pelo dr. Apert.

*

Indaguei do professor Camus se o Estado, que em tempo de guerra pode expôr o soldado á morte e a todas as mutilações, tem o direito de o obrigar, se fôr um ferido, a que se submeta a um tratamento que lhe deva dar toda a «reconstituição physica» e, possivelmente, que o faça um novo guerreiro. O professor Camus está convencido de que a vontade ou a recusa do doente tem importancia para a organização da tabella de subsidios. Mas... tambem é necessario que os cirurgiões não imponham medo...

—Ora essa!

—Meu caro amigo, vi feridos aos quaes os cirurgiões haviam feito, por duas vezes, suturas osseas sem successo, que recusavam a terceira intervenção.

—N'esse caso a qualidade do operador cirurgico...

—Não é qualidade a desprezar. Já no tempo de paz

ella se impunha e se discutia, todas as vezes que era necessario decidir uma intervenção. Eu entendo que nas grandes operações se deve permittir aos doentes a escolha do seu operador. E' uma garantia, cujo uso devia constituir regra nos serviços sanitarios.

O notavel mestre reconheceu depois que da primeira intervenção depende quasi sempre o valor profissional do ferido. Isto define a grave responsabilidade que pesa sobre o corpo medico. E mais tarde, muitos annos depois da guerra, ainda essa responsabilidade pesa e ás vezes como um remorso, quando se fizer a attribuição e a revisão das indemnisações.

O cirurgião que não soube fazer bem o seu primeiro trabalho difficultou consequentemente o do physiotherapeuta e foi o causador da imperfeita ou má reeducação e reconstituição funcncional do doente.

—Mas quando um ferido recusa o trabalho cirurgico, o que acontece?

—O medico propõe uma reduçção da indemnisação proporcional á melhoria que teria produzido o tratamento.

—E se o ferido consente na operação?

—O seu *dossier* de reforma fica em suspenso, o medico segue o resultado do tratamento e, quando julga que este deve terminar, determina finalmente a nova cifra de invalidade.

Paris, maio de 1917.



O hospital de Port-Villez

Foi n'um *hall* immenso que os belgas, com penhorante gentileza, nos receberam. A um lado do pavilhão corria uma meza, onde se agrupavam bolos, sandwiches, latas com doces e com iguarias, tudo quanto constitue a organização d'um bom *lunch*. Vinhos de toda a precedencia, inclusivé os nossos Porto e Madeira, completavam o conjuncto. O que nos rodeava tinha um ar festivo. Havia muitos florões de verdura, plantas ornamentaes, bandeiras em profusão. Das travessas, enormes e toscamente pintadas que sustentavam o *hall*, pendiam disticos berrantes com os nomes de todos os paizes alliados e dos que se lhes manifestam favoraveis. Um grande letreiro indicava a formula de Wilson: «Pour le Droit, la Justice, l'Humanité.»

—São gentilísimos, estes belgas...

—Não resta duvida.

—E não são apenas gentilísimos. São tambem dignos do nosso respeito pela obra que organisam. Vae vêr o que é este hospital de Port-Villez. E' um exemplo de energia. E' um modelo de actividade...

N'este momento, o ministro da instrucção da Belgica confirmava estas palavras, dizendo :

—Os meus compatriotas foram admiraveis de energia e de valor. Fizeram uma maravilhosa obra de benevolencia e de amor pelos soldados... Tambem é facto que a hospitalidade franceza permittiu essa cruzada de bem e, aqui, cuidando os nossos bravos feridos, estamos como em nossa casa...

—Mas, em Bruxellas...

—Podiamos fazer melhor... Talvez... Ainda pensamos que tal succederá. E mais tarde na Belgica, na minha patria, libertada e santificada, havemos de receber os medicos de todo o mundo. Esse dia de grande reunião será de grande honra para todos nós.

Entretanto, os belgas não nos podiam receber com mais gentileza. O seu hospital de Port-Villez tem condições para essa recepção e para nos interessar. Nasceu da generosa iniciativa do barão de Broqueville e vingou pela excepcionalissima actividade de muitos dos seus colaboradores, entre elles o commandante Haccourt. E' a este que se deve a transformação de um bosque n'uma verdadeira cidade,—pois que assim se pode considerar Port-Villez, com as suas dezenas de abarracamentos, com os seus jardins—onde avultam as estatuas do rei da Belgica e da rainha—grandes reis d'um grande povo; —com as suas installações de camaratas e officinas; com o seu coreto de musica, ruas largas de passeios, bancos para repouso, theatro, salas de conferencias, chalets para officialidade, etc., podendo agrupar uma população média de 1300 a 1500 mutilados da guerra.

—E como se fez tudo isto?

—Facilmente. O barão de Bayens, um nosso compatriota, que habita a França ha muitos annos, tinha estes vastos dominios. Cedeu-os... Um dia de julho de 1915, o commandante Haccourt, que é engenheiro distincto, chegou aqui com 40 homens, arrancados á frente

da batalha. O que fez não sei. A verdade é que o bosque foi desaparecendo para dar lugar a esta maravilha que vê e de que ha de permittir que tenhamos certo orgulho.

—E quando recebeu feridos?

—Os primeiros mutilados chegaram em setembro de 1915.

—Quer dizer que...

—Em dois mezes, o commandante Haccourt fez d'um bosque um hospital...

*

Comecei a visita a Port-Villez pelas officinas de seração da madeira. São os mutilados que fazem tudo. A madeira chega, é cortada, preparada e utilizada. Da escola belga sahe o movel mais simples até ao mobiliario mais completo e artistico. O mesmo succede com a seralharia, com a pintura em tela e madeira, com a esculptura, com a moldagem, com a fabricação de brinquedos, de bengalas, de objectos de bijouteria. Port-Villez fabrica o artigo mais fino e mais moderno, o mais util e o mais necessario. Tem alfaiates, tem chapeleiros, tem sapateiros! Tem de tudo e bem feito! E, coisa curiosa, tudo é executado por mutilados da guerra. Vi um pintor sem um braço e sem uma perna. Vi um brilhante esculptor, sem duas coxas, a moldar um busto d'um seu camarada.

O hospital não recorre a estranhos. Tem machinismo seu para lhe trazer a agua. Tem madeira para queimar. Tem campo para cultivar o trigo e depois secções especiaes de trabalho até que o trigo, transformado em farinha, entra nos fornos e sahe em pães! Pode affirmar-se que Port-Villez é uma cidade completa, onde nada falta, mesmo barbeiros, mesmo theatros!

—Isto é um paraizo...

—De gente sem pernas e sem braços—mas que fazem mais que muitos que tem pernas e braços...

Tinha razão o commandante Haccourt. Os pobres mutilados da guerra, heroes dos grandes combates e martyres da causa da liberdade, apresentavam uma prodigiosa reeducação funcional, que d'elles havia feito artistas e operarios completos e bastante perfeitos.

—Diga-nos, commandante, a reeducação do mutilado é apenas professional?—perguntámos dentro da livraria, onde um amputado de braço arranjava a linda brochura d'um livro.

—Não. A reeducação em Port-Villez é completa. E' physica, professional, intellectual e moral. Ha uma direcção medica, um serviço tecnico, um serviço pedagogico, uma direcção militar, tres grandes secções para o commercio, para os officios, para a agricultura.

—E são muitos os que se dedicam ao commercio?

—Tantos que enchem 23 grandes barracas onde ha aulas primarias, secundarias, normaes, administrativas e de linguas estrangeiras.

—E a secção medica tem alguma coisa que fazer?

—Pouco, como tratamento de drogas. Aqui, em geral, ha relativa saude. Em todo o caso, os cirurgiões fazem exames de feridas e dão muito tratamento de thermotherapie, electrotherapia, maçagem e gymnastica medica. E' tambem o serviço medico que dá indicações e conselhos aos mutilados ácerca dos officios e occupações que devem escolher. O que se necessita é uma boa installação de cirurgia, para reparar e vigiar cotos, antes da utilisacão da prothese. Felizmente que isso vae ter remedio. Já está indicado para Port-Villez um habil cirurgião.

—Quem?

—O dr. Stassen.

Com esta indicação ficámos conhecendo que os belgas pensam, dia a dia, em Port-Villez, que, sendo já uma obra modelar, se vae tornando prodigiosa, uma autentica maravilha.